

O Trem da HISTÓRIA

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações da Fundação Cultural Calmon Barreto

Araxá, novembro de 2008 • Ano 18 • Nº 46 • R\$ 5,00

www.otremdahistoria.com.br

1904

PHARMACIA S. JOSE DE JOAQUIM PORFIRIO LVARES MACHADO

A HISTÓRIA DA FARMÁCIA

Farmacêuticos da 1ª Metade do Séc. XX

QUEM FOI
QUEM Pág. 26

General José Porfírio da Paz



LEMBRANÇAS
DE UM TEMPO
QUE SE FOI, Pág. 29

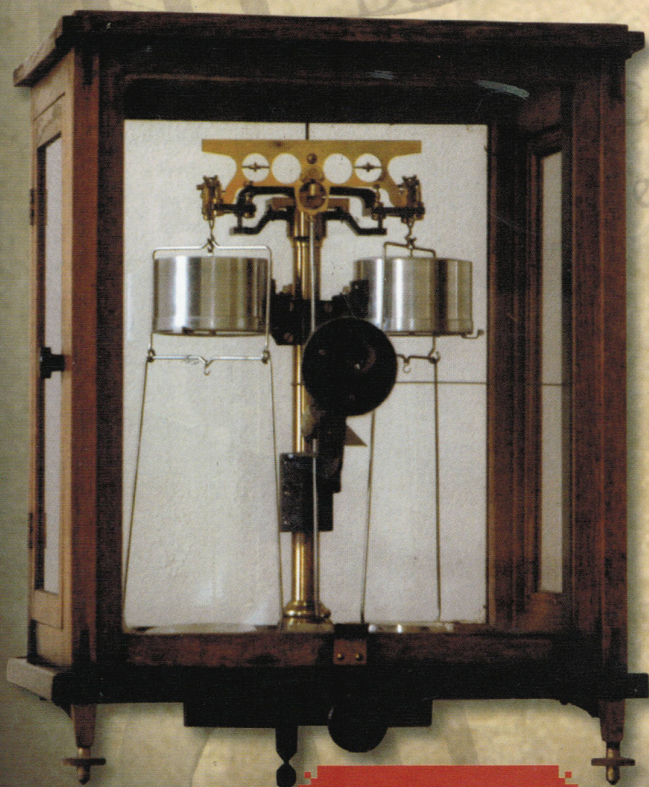
OFICINA DA
HISTÓRIA Pág. 40



Grau e mão em marfim.
Objetos usados na
manipulação de pomadas.



Esterelizador em aço
e estojo para seringas
de vidro com agulhas.



Balança de precisão.
Modelo de 1920.



Copos graduados
com medida.

Acervo: Luiz Gonzaga Batista.
Fotografia: João Lima. Arquivo FCCB.

O Trem da HISTÓRIA



Prefeitura Municipal de Araxá

Prefeito

Antônio Leonardo Lemos Oliveira



Fundação Cultural Calmon Barreto
Presidente

Magaly Cunha Porfírio Borges

Setor Administrativo-Financeiro

José Antônio de Ávila Oliveira

Danúbio Júnior da Silva

Setor de Arquivos, Pesquisas e Publicações

Maria Trindade Coutinho Resende Goulart

Cecília Angélica Machado de Paiva

Keyla Barbosa Machado

Setor de Artesanato

Fernanda Alves Barcelos

Setor de Projetos Especiais

Tancredo Borges Guimarães

Setor de Eventos

Terezinha de Oliveira Lemos

Luciana Maria Fernandes

Setor de Museus

Catia Maria Lemos Melo Zema

Memorial de Araxá

Augusto César Resende Goulart

Departamento da Escola de Música

Maestro Elias Porfírio de Azevedo

Maria Leonor Teixeira Lemos

Jornalista Responsável

Wallace de Resende Torres

Registro: MG-06.343.JP

Secretária de Redação

Keyla Barbosa Machado

Revisão

Antônia Verçosa

Lay-Out e Arte Final

DaVinci Comunicação Integrada

Capa

Cartaz da Farmácia S. José. Propriedade de Joaquim Porfírio

Álvares Machado. 1904. Arquivo FCCB.

Impressão

Gráfica Planeta

Praça Arthur Bernardes, 10 — Araxá/MG — 38.183-218

Fones: (34) 3691-7092 — 3691-7164

e-mail: fccb.araxa@gmail.com

As informações contidas nesta revista podem ser reproduzidas desde que citada a fonte.

Visitem os sites:

www.otremdahistoria.com.br

www.usr.cd-graf.com.br/~barreto/

www.araxa.mg.gov.br/secretarias/fccb

PRIMEIRAS PALAVRAS

Como Presidente da Fundação Cultural Calmon Barreto, nas gestões 2001-2004 e 2005-2008, contei com o total e inestimável apoio do prefeito Antônio Leonardo Lemos Oliveira. A ele agradeço. De coração.

Agradeço, ainda, à equipe da FCCB que, com lealdade e competência, esteve comigo, somando e fazendo crescer a cultura em Araxá. No ambiente de trabalho constituímos, ao longo do tempo, uma sólida amizade onde amor, compreensão e respeito foram uma constante.

Não poderia deixar de levar o meu obrigada às empresas que, também, estiveram conosco durante esse período. A ajuda de cada uma delas foi essencial para que pudéssemos atingir os nossos objetivos.

O agradecimento final, deposito-o nas mãos de DEUS, o orientador e o criador absoluto de todas as coisas.

Deixo essa administração com a consciência de quem cumpriu o dever. A cultura, dentro de todos os seus segmentos, nós a promovemos em favor da comunidade. Música (erudita e popular), dança (erudita e popular), artes plásticas (salões de artes e concursos), literatura, museus, cultura afro-brasileira, cultura indígena, concursos de arte fotográfica e de redações, eventos da mais variada natureza e parcerias diversas. Atendemos às pessoas de diferentes faixas etárias e classes sociais, valorizando e respeitando cada cidadão, independente de raça, credo ou nacionalidade. O resgate da memória de Araxá foi trabalhado através de pesquisas, publicações, depoimentos e do artesanato do séc. XIX.

A última edição da revista “O Trem da História” desse 2008, a de n.º 46, versa sobre os farmacêuticos que exerceram suas funções na primeira metade do século XX. As fotos de ruas e logradouros públicos lembram a Araxá de um tempo que se foi.

Magaly Cunha Porfírio

NESTA EDIÇÃO

A História da Farmácia.....	4
Farmacêuticos da 1ª metade do Séc. XX.....	8
Quem foi Quem - Gen. Porfírio da Paz.....	26
Lembranças de um tempo que se foi.....	29
Oficina da História	40
Agradecimentos.....	42

A HISTÓRIA DA FARMÁCIA

NO MUNDO

No início da era cristã, Dioscórides e Galeno, precursores de Paracelso (1493-1541), foram responsáveis por um grande avanço nos estudos das ervas. Deixaram vastas descobertas para a história da farmácia. O primeiro inventariou mais de 500 drogas de origem vegetal, mineral ou animal. O segundo deixou seu nome ligado à “Farmácia Galênica” quando fez preparações usando solventes, álcool, água ou vinagre a fim de conservar e concentrar componentes ativos de plantas.

Paracelso foi o mais expressivo representante da Alquimia e acabou por deixar um marco na História dos Medicamentos. Definiu *alquimia* como sendo “a ciência de transformar as matérias-primas da natureza em produtos aperfeiçoados, úteis à humanidade.”

Ele é muito mais popular na literatura farmacêutica do que na literatura médica. Isto porque dava aos farmacêuticos um respaldo científico para que pudessem se aprofundar nas pesquisas de saúde e praticar a medicina por conta própria.

A Farmácia tem como símbolo a taça com a serpente nela enrolada. Sua origem remonta à antiguidade. A primeira botica de que se tem notícia começou a funcionar no ano de 754 em Bagdá, atual Iraque.

DE MERCEEIROS A FARMACÊUTICOS

Na Inglaterra os boticários que, até então, estavam limitados às categorias de comerciantes (Sociedade dos Merceeiros), logo criaram suas associações específicas com fins científicos (Sociedade dos Farmacêuticos) em 1608 e passaram a dar consultas a um número cada vez maior de enfermos. No período Barroco, mais precisamente em 1618, foi editada a Primeira Farmacopéia Londrina.

Em 1665-1666 a Grande Praga se abateu sobre Londres. Enquanto muitos médicos, seguidores de Galeno, fugiam da cidade, os farmacêuticos ficaram fiéis aos seus conceitos de tratamento, provando grande eficiência. Em 1703 um decreto dava-lhes o direito de dar consultas a enfermos, situação que perdurou até o século XIX, quando foi revogado.



“A luz solar e a água eram e continuam a ser elementos curativos mais importantes para o homem. Os Egípcios antigos tomavam banhos solares em suas casas. A estrutura das suas casas testemunha-os. O relevo de El Amarn mostra o rei Ehnaton (Amenofes IV, 1375 - 1358 a.C.) sentado com os familiares numa sala com colunas tomando banho de raios solares debaixo dos quais foi escrita a palavra “vida”. Os Germanos antigos também utilizavam o Sol como remédio curativo e colocavam crianças doentes em telhados de casas. O mesmo praticavam os Gregos antigos. Assim, Esculápio, deus da medicina, era filho de Febo, deus da luz.”

A ALQUIMIA NO BRASIL

A história da Farmácia se inicia no século XVI, quando os primeiros registros históricos demonstram que nossos indígenas possuíam um vasto conhecimento e tinham práticas semelhantes às da antiguidade, com base no empirismo e na magia. Eles são os primeiros profissionais de saúde e foram, na sua maioria, dizimados pelos colonizadores portugueses.

Os jesuítas tiveram grande importância como idealizadores de remédios secretos. Na época, originária do saber indígena, a quina era muito eficaz contra a malária e a ipecacuanha, de mesma origem, excelente contra a disenteria. A população interiorana preferia a medicina popular à acadêmica.



Sempre foi evidente a luta para institucionalizar o que era realidade em âmbito popular. As boticas só foram autorizadas, como comércio, em 1640. Em 7 de abril de 1794 foi adotada a Farmacopéia Geral para o reino de Portugal e Domínios, de autoria de Francisco Tavares, professor da Universidade de Coimbra.

O "Dicionário de Medicina Popular" foi lançado no Brasil em 1842 para esclarecer a população.

Diogo de Castro, o primeiro boticário com função oficial e salário, se instalou na Bahia, no governo de Thomé de Souza.

O ópio, a escamônéia, a rosa, o sene, o manacá e a ipeca já faziam parte dos remédios necessários para o funcionamento de uma botica. Pomadas e linimentos tinham grande consumo. Os produtos mais procurados eram: a pomada *Alvíssima*, além do *Bálsamo Católico*, de copaíba, e a *Água Vienense*, que só entrou em desuso no início do século passado.

INSTITUCIONALIZANDO A FARMÁCIA

O século XX chega com a fundação, em 1916, da Associação Brasileira de Farmacêuticos (ABF). Em seu Estatuto, entre outras finalidades, era priorizada a tarefa de

“promover a fundação da Escola Superior de Farmácia”.

No dia 9 de abril de 1947, em sessão solene, a Congregação da Faculdade Nacional de Farmácia da Universidade do Brasil (hoje UFRJ) dava posse a seu primeiro Diretor, o professor Mário Taveira (nomeado pelo então Presidente da República, Eurico Gaspar Dutra). Inaugurou-se um dos marcos da História da Farmácia no Brasil.

Apesar do esforço em dar caráter institucional a esta parte da medicina, a passagem do comércio de botica para farmácia não foi nada fácil. Afinal o hábito, na cultura popular, dificultou em muito as mudanças, por mais necessárias que elas fossem.

Na década de 40 a indústria farmacêutica é implantada no Brasil e os medicamentos começam a ser fabricados em série. As drogarias passam a se disseminar, servindo apenas como “revendedoras” de medicamentos. Com isto as farmácias de manipulação saem de cena, abaladas pela industrialização do setor.

Porém, ao longo do tempo, as fórmulas manipuladas estão sendo resgatadas. A farmácia de manipulação pode atuar em praticamente todos os ramos da medicina.

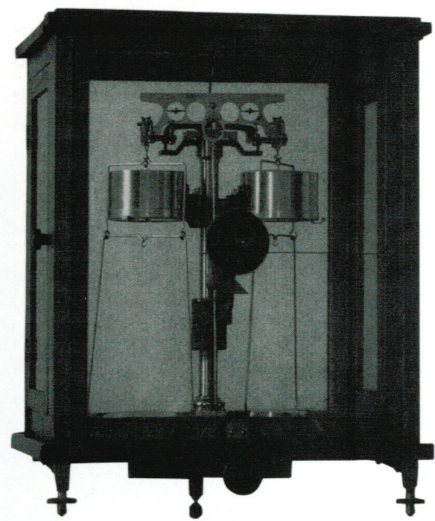
Junto a esse equilíbrio entre indústria e manipulação, aumentam também os cuidados em relação ao produto e à proteção ao consumidor. A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) é a que analisa, registra e libera os medicamentos. Trabalha para que a indústria da Farmácia seja mais respeitada. Existe um controle técnico dos remédios proporcionando aos usuários a qualidade e a satisfação na sua aquisição.

Por outro lado é um dos muitos setores prejudicados pela falta de ética, pois esbarram no mercado ilegal. Existe também a concorrência, que chega a ser desleal, de grandes investidores que colocam no mercado uma diferença gritante de preço por medicamento.

Uma descoberta moderna e que favoreceu a aquisição de remédios foi o medicamento genérico.

Ele tem a mesma qualidade, eficácia e segurança mas a um preço inferior ao medicamento original. É um medicamento com a mesma substância ativa, forma farmacêutica e dosagem e com a mesma indicação que o medicamento original, de marca.

Criou polêmicas no início do seu uso mas, com toda certeza, está mudando hábitos e trazendo uma nova realidade para os consumidores do país, principalmente no que diz respeito à qualidade.



“ Nos anos 40, a época da manipulação também deu espaço para a fase da industrialização dos remédios. ”



Drogamengo. Time de futebol formado pelos proprietários e funcionários de farmácias diversas.
s/d. Acervo: Maria Angélica Abdanur Porfírio Franco.

Hoje, ele vem se impondo no mercado e tem a credibilidade tanto dos profissionais de saúde quanto dos consumidores e dos próprios fabricantes.

A farmácia brasileira chega ao século XXI tendo o enorme desafio de incorporar ao seu dia-a-dia o processo de permanente inovação tecnológica estando, ao mesmo tempo, obrigada a contemplar os compromissos éticos inerentes ao exercício profissional farmacêutico.

EM ARAXÁ

As “boticas”, onde os boticários atendiam os seus clientes, normalmente funcionavam vizinhas às casas de seus proprietários. Quase todas as farmácias eram de manipulação e possuíam o laboratório. Os medicamentos eram produzidos nos laboratórios caseiros e alguns produ-

tos eram importados, com exceção das ervas e plantas medicinais nativas. Os boticários aviavam receitas e comercializavam plantas, raízes e sementes medicinais, além de pós e de vários tipos de elixir.

Existiam as fórmulas secretas, cuja preparação não seguia as especificações da farmacopéia, código oficial das normas a serem seguidas na elaboração dos remédios. O *Xenovis* era um livro muito usado por eles, pois nele se encontravam muitas fórmulas de manipulação.

A cidade sempre foi muito bem servida de boticas e isto ainda per-

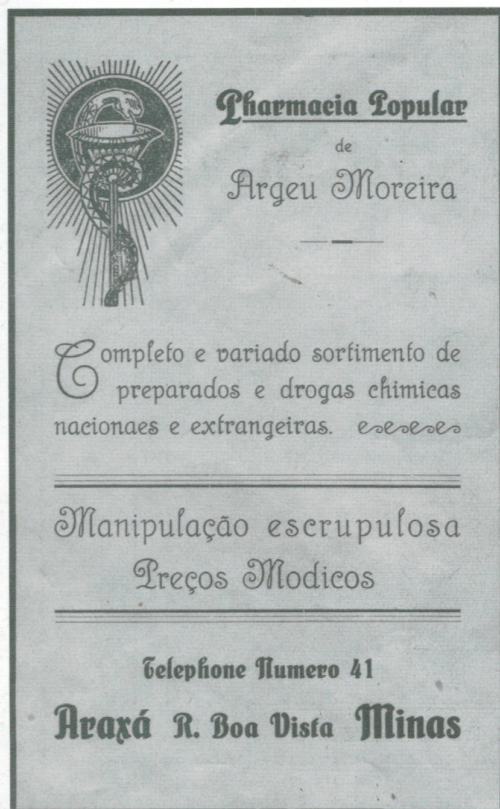
siste com as farmácias. Atualmente a concorrência gerou uma crise no ramo e enfrenta uma disputa com gigantes do setor.

RECLAMES

Ao pesquisar a história da propaganda no Brasil, nota-se que os primeiros anunciantes potencialmente conhecidos são os medicamentos. Dos cartazes em bondes, aos primeiros anúncios. As indústrias farmacêuticas passaram a influenciar a prescrição médica, utilizando propagandas e outras estratégias de marketing.

Os “reclames”, como eram chamados os anúncios, eram aparentemente ingênuos, pois não havia um especialista para escrever a respeito de medicamentos. Ora os médicos davam seus depoimentos, ora os poetas eram contratados para escrever, enquanto artistas plásticos e pintores ilustravam os anúncios, quase sempre com imagens de sofrimentos, com a promessa de cura pelo medicamento. “Larga-me... deixa-me gritar!” era o discurso do Xarope São João, veiculado na Revista da Semana, no Rio de Janeiro, em 1900. Esse xarope utilizava a imagem de um homem, como se estivesse amordaçado, significando a ameaça da tosse, bronquite, rouquidão.

Araxá não fica fora desta realidade. E é através destes anúncios que constatamos o grande número de farmácias que compunham o comércio local.



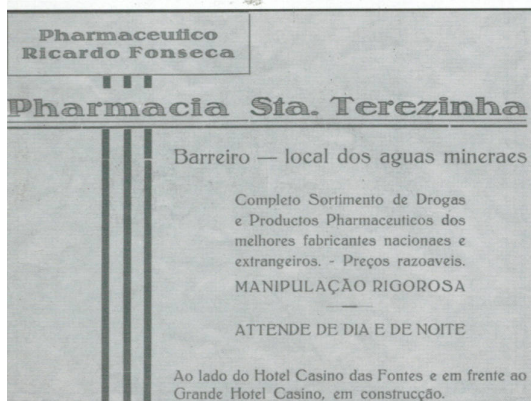
Pharmacia Popular
de
Argeu Moreira

Completo e variado sortimento de preparados e drogas químicas nacionais e estrangeiras.

Manipulação esmerulosa
Preços Modicos

Telephone Numero 41
Araxá R. Boa Vista Minas

Pharmacia Popular; propriedade de Argeu Moreira. Álbum de 1928, pág. 80. Arquivo FCCB.



Pharmaceutico
Ricardo Fonseca

Pharmacia Sta. Terezinha

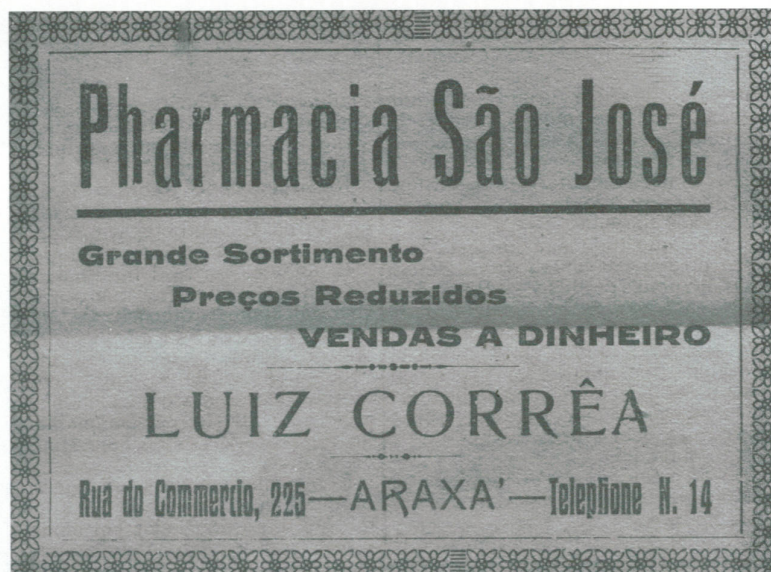
Barreiro — local dos aguas mineraes

Completo Sortimento de Drogas e Productos Pharmaceuticos dos melhores fabricantes nacionais e estrangeiros. - Preços razoaveis.
MANIPULAÇÃO RIGOROSA

ATTENDE DE DIA E DE NOITE

Ao lado do Hotel Casino das Fontes e em frente ao Grande Hotel Casino, em construção.

Pharmacia Sta. Terezinha; propriedade de Ricardo Fonseca. Álbum de 1928, pág. 88. Arquivo FCCB.



Pharmacia São José

Grande Sortimento
Preços Reduzidos
VENDAS A DINHEIRO

LUIZ CORRÊA

Rua do Commercio, 225—ARAXA'—Telephone N. 14

Pharmacia São José; propriedade de Luiz Corrêa. Jornal Renovação. 11/03/1934. Arquivo FCCB.

INDÚSTRIA

Com a explosão da indústria farmacêutica por volta de 1940, o alquimista perde seu espaço. A partir da década de 50 houve a implantação de grandes laboratórios farmacêuticos multinacionais no Brasil. A manipulação foi enxuta e a indústria de remédios inchou este segmento.

O *boom* da penicilina inaugurou a era dos antibióticos e deu impulso à indústria farmacêutica. Ela é considerada uma das maiores descobertas

da área médica do século XX e uma grande conquista social.

A cada dia surgiam mais e mais farmácias onde o farmacêutico atuava como vendedor da empresa de remédios fazendo jus à era da industrialização.

Hoje o mercado deste setor está se equilibrando em relação ao consumo do produto industrializado e do produto manipulado. A manipulação ganhou mercado e popularidade novamente.

"Não há fronteiras que separam a Medicina da Farmácia, na verdade as fronteiras que existem, servem apenas para unir as duas profissões da área de saúde. O MÉDICO, mercê de seus profundos estudos, conhece o homem, tanto o sadio quanto o doente, e sabe perfeitamente diagnosticar e prescrever. O FARMACÊUTICO, graças a sua ciência e arte, conhece profundamente o medicamento e sabe fabricá-lo e zelar pela sua pureza. Sem o MÉDICO, o paciente, acometido de alguma doença, não saberia como se tratar. Em contrapartida, que poderia o médico fazer se não houvesse farmacêutico para lhe colocar nas mãos medicamentos eficazes e seguros, armas com as quais, em última análise, geralmente se luta contra as doenças?" (Dr. Andrejus Korokolvas, professor titular de Química Farmacêutica - Faculdade de Ciências Farmacêuticas/ USP).

SEBASTIÃO DE AFFONSECA E SILVA



Sebastião de Affonseca e Silva. 1940. FCCB/00257.

Nasceu em Araxá no dia 12 de setembro de 1877. Era filho de João Maximiano de Affonseca e Silva e Francisca de Paula Eremita. Casado com Prozolina Porfírio, teve 13 filhos: Sebastião (falecido criança), José Gaspar, Celidônio, César, Saul, Maria, Agar, Clélio, Filotéia (falecida criança), Filotéia, Jésus, Sebastião e Terezinha.

Foi coletor municipal durante a primeira década do século vinte, período em que manteve contato com a documentação histórica oficial. Nessa época, reuniu parte deste material que, hoje, integra o arquivo da Fundação Cultural Calmon Barreto, órgão responsável pela preservação da memória histórica local.

A partir de 1911, foi proprietário da farmácia São Sebastião que funcionou na Av. Antônio Carlos, n.º 32 no prédio alugado de Latfalla de Jamati e, posteriormente, adquirido. Sebastião de Affonseca e Silva obteve licença da Diretoria de Saúde Pública de Minas Gerais para desempenhar a profissão de farmacêutico, atividade esta que exerceu até 1962. Foram seus funcionários: Guilmar França e Orlando da Cunha e Oliveira.

As fórmulas dos remédios eram criteriosamente manipuladas. As mais conhecidas eram:

- poção contra gripe, denominada Araxaína;
- poção espasmódica;

- julepo (bebida calmante, aromatizada, que tem por base um xarope e à qual se podem acrescentar medicamentos) gomoso usado contra diarreia e indicado para crianças;

- cápsulas feitas com óleo da erva-de-santa-maria e indicadas como vermífugo.

Todas para uso interno. Para uso externo o medicamento mais conhecido foi um anestésico contra picadas.

Sebastião de Affonseca e Silva faleceu em Araxá no dia 09 de agosto de 1968.

**Pharmacia
São Sebastião**

Completo e variado sortimento de preparados e drogas químicas nacionais e estrangeiras.

As receitas são aviadas com prontidão e asseio a qualquer hora do dia ou da noite.

**Sebastião
d'Affonseca Silva**
Pharmacêutico

Acceita a incumbencia de mandar vir das grandes praças commerciaes, qualquer preparado ou droga chimica

Araxá □ **Minas**
Praça Cel. Adolpho

Pharmacia São Sebastião. Álbum de 1928, pág. 86. Arquivo FCCB.

JOSÉ AUGUSTO MONTANDON

Nascido em Estrela do Sul/MG em 17/07/1878. Filho de Eduardo Augusto Montandon e Brasilina Gonçalves Montandon. Os pais tiveram dezessete filhos, ele era o décimo primeiro. Transferiu-se ainda jovem para Araxá/MG, cidade natal dos pais e onde, mais tarde, fixou raízes.

Enquanto estudante do curso de Farmácia, casou-se em 01/12/1907 com Natália de Campos, sua sobrinha, dezesseis anos mais jovem. Formou-se pela “Escola de Pharmácia de Ouro Preto” em 03 de novembro de 1908.

Quinze filhos: Gil Augusto, Gilberto (falecido criança), Maria (falecida criança), Augusto Eduardo, Maria Aparecida, Natália (falecida criança), Elias (falecido criança), José Augusto Jr., Brasilina Augusta, Natália, Eduardo Clemente (falecido criança), Maria do Amparo, Flaviana Augusta, Ana (falecida criança) e Gilberta (falecida criança).

Foi proprietário da farmácia Montandon na rua do Comércio, onde hoje funciona a Casa França. Depois transferiu-a para a esquina da mesma rua com a Almeida Campos, até vendê-la para o Sr. Donato Pinheiro dos Santos (1920), quando encerrou as atividades neste ramo e começou a trabalhar com cartório (hoje dirigido pelo neto de mesmo nome).

Como católico praticante fez parte do Centro Católico de Araxá, associação composta por pessoas com objetivos fundamentais de fé e de prática católica, fundada em 1º de novembro de 1914.



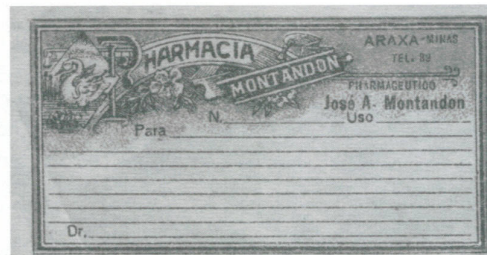
Interior da Pharmacia Montandon. Da esquerda para a direita: não identificada (filha de Zeca Montandon), Dagmar Pinheiro dos Santos, Dolorita Pinheiro dos Santos (filhas de Donato), Raul França, José Pinheiro dos Santos (filho de Donato), Donato Pinheiro dos Santos e José Augusto Montandon (Zeca). Década de 1910. Acervo: Flaviana Augusta Montandon.

Foi eleito vereador (compôs a mesa-diretora, tendo como presidente o Sr. Álvaro Cardoso) para o período 1936-1940, interrompido com a instalação do Estado Novo, depois do Golpe de 1937.

Religioso e praticante do bem, foi colaborador assíduo do Asilo São Vicente de Paulo. A única filha viva (Flaviana, “D. Nini”) diz que, como delegado, contribuiu para a liberdade de muitos presidiários. Em homenagem, seu nome está na rua em que funcionou, por muitos anos, a antiga Cadeia Pública.

Zeca Montandon, como era conhecido, faleceu em 12 de agosto de 1963.

Pharmacia Montandon. Correio de Araxá. 08/06/1913. Arquivo/FCCB.



Rótulo de identificação de produtos. Acervo: Flaviana Augusta Montandon.

Pharmacia Montandon

Completamente nova, sortida cuidadosamente nas melhores drogarias do Rio.

Sortimento grande em sua variedade e reduzido em quantidade de cada espécie medicamentosa, para haver sempre reforma de drogas recentes. Esta farmacia está perfeitamente de conformidade com o novo Codex Francês de 1908, actualmente em vigor no Brasil. PREÇOS MODICOS.

Manipulação rigorosamente tecnica.

José Augusto Montandon
Pharmacienno-chimico

Rua do Commercio **ARAXÁ**

SALOMÃO PEREIRA DE MESQUITA



Salomão Pereira de Mesquita. s/d. FCCB/0597/C.

Natural de Oeiras, estado do Piauí, filho de Benedito Pereira de Mesquita e Raimunda Pereira de Mesquita, iniciou seus estudos na cidade de Floriano, onde passou a infância e a juventude. Posteriormente mudou-se para Belém, a fim de cursar a Faculdade de Farmácia.

Depois de graduado foi trabalhar nas vilas ribeirinhas do rio Amazonas e de seus afluentes, tornando-se um admirador da fauna e da flora daquela região. Por duas vezes foi vítima de naufrágio, um no rio Amazonas e outro no oceano Atlântico. Em ambos perdeu sua farmácia e quase todos os seus pertences.

Mais tarde foi para o Rio de Janeiro, estabelecendo-se como farmacêutico na Cinelândia. Nesse período também exerceu a profissão de jornalista no Correio da Manhã, de seu amigo Edmundo Bittencourt, fundador do tradicional diário carioca.

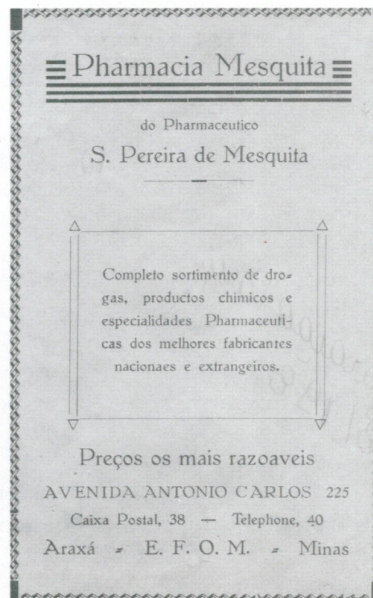
Movido pela curiosidade em conhecer o Estado de Minas e sua fauna, veio pela primeira vez para esta região em 1915. Chegou em companhia do Dr. Teixeira Leite, hospedando-se na fazenda do Dr. Virgílio de Abreu.

Retornou no ano seguinte e ficou conhecendo Anna Boaventura com quem se casou em 1917, em Dores de Santa Juliana. Teve nove filhos: Edmo, Ivan, Benedito, César, Fausto, Aracy, Maria Aparecida, Terezinha e Lúcia. Em 1920 estabeleceu-se na cidade de Ibiá e seis anos depois transferiu-se para Araxá, onde atuou como farmacêutico até seu falecimento.

Participante ativo da comunidade, envolvia-se em campanhas pelo aumento do número de escolas, melhoria da qualidade de ensino e incentivo à cultura. Era colaborador do Asilo São Vicente de Paulo, uma das poucas instituições de caridade existentes em Araxá no período, além da assistência que freqüentemente dava aos mais carentes na sua farmácia.

Homem culto, não poderia se eximir das atividades políticas do município, tornando-se um dos fundadores do PSD (Partido Social Democrático), partido a que se manteve fiel por toda a vida.

Reunia-se sempre com os filhos menores e contava-lhes suas aventuras e histórias do tempo em que trabalhava como farmacêutico no Amazonas. Possuía uma memória que impressionava a todos e que o diferenciou desde os tempos de faculdade. Faleceu em 1968 com 84 anos.



Pharmacia Mesquita. Álbum de 1928, pág. 84. Arquivo FCCB.

DONATO PINHEIRO DOS SANTOS

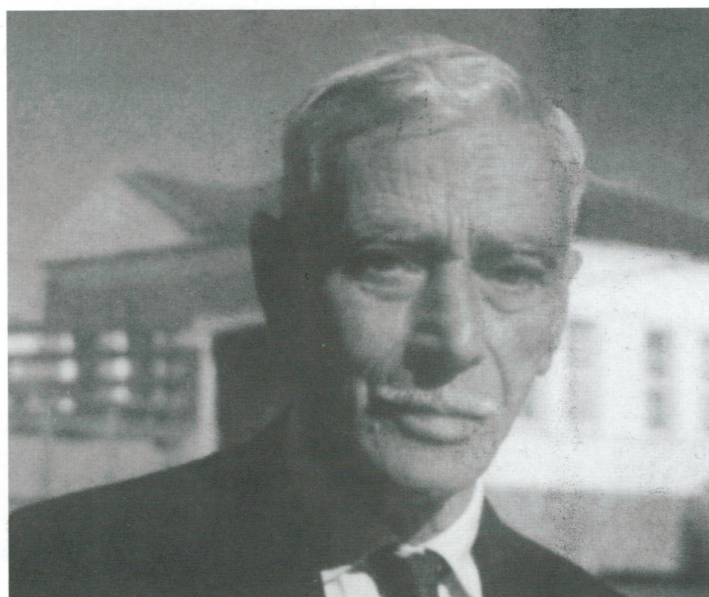
Nasceu no fim do século XIX, em 1885, sendo descendente de imigrantes suíços pelo lado paterno e dos tradicionais Carneiro de Mendonça e Santos pelo materno. Iniciou-se em farmácia, trabalhando com João Jacques Henri Montandon (senador).

Em Ouro Preto, cursou um licenciamento rápido em Farmácia. Em 1920 adquiriu a farmácia de Zeca Montandon. Teve farmácias em Santa Juliana e Perdizes.

Exerceu, durante 50 anos, a profissão à frente das farmácias Boa Vista, Nossa Senhora da Conceição que ganhou este nome porque se localizava na Praça Nossa Senhora da Conceição, hoje Praça Governador Valadares, e, finalmente, da farmácia Pinheiro.

Donato era muito caridoso e prestativo. Ajudava quem não podia pagar e atendia a qualquer hora do dia ou da noite. Realizava, também, partos, principalmente em fazendas e na Antinha e executava exames de corpo de delito.

Casado com Thomásia de Moura Santos e pai de José, Dagmar, Geraldo, Dolorita, Wilson, Maria José, Antônio, Vera, Donato, Dora, Júlia, Roberto e Fábio. Por ser caseiro, seu lazer se restringia às reuniões familiares.



Donato Pinheiro dos Santos. Década de 1950.
Acervo: Nice Pinheiro.

Foi pecuarista, exerceu o cargo de Juiz de Paz e, politicamente, era partidário obstinado do Senador Montandon. Dedicava-se à Irmandade do Santíssimo Sacramento como católico atuante que era. Faleceu com 84 anos em 1969.

À esquerda, Farmácia N. Sra. da Conceição, localizada na antiga praça da Conceição, hoje praça Gov. Valadares, esquina com a rua Almeida Campos. Década de 1930. Acervo: Nice Pinheiro.



ÁLVARO CARDOSO DE MENEZES



Álvaro Cardoso de Menezes. s/data.
AF/SAPP/FCCB-03512.

Nasceu no dia 09 de janeiro de 1891 em Araxá/MG. Era filho do Major Gustavo Cardoso de Menezes e de Leopoldina Menezes.

Cursou o primário em sua terra natal e o ginásio em Juiz de Fora no Instituto Granbery.

Diplomou-se em Farmácia pela Faculdade de Ouro Preto.

Retornou a Araxá e, como “pharmaceutico chimico” abriu a “Pharmacia Popular” na antiga rua do Comércio, hoje, Dr. Franklin de Castro.

Em 1916, no Álbum dos Municípios, o seu estabelecimento comercial aparece nos anúncios. Neste momento, Dr. Álvaro já estava integrado à elite dirigente local e conseguia conciliar a sua vida profissional com a de homem público.

O jovem farmacêutico firmou-se diante da administração pública ao participar da empresa “Águas de Araxá” que, junto à Câmara Municipal, obteve autorização para construir a estrada Araxá-Barreiro (hoje, estrada velha) e também para realizar melhoramentos necessários à higienização das fontes de águas minerais.

Em 1917 casou-se com Celuta Araújo e teve dois filhos: Álvaro César e Marieta.

Eleito vereador para o período 1936-1940 foi presidente da Câmara Municipal. Com o golpe de 1937 e a instalação do Estado Novo, houve várias mudanças dentre elas o encerramento das atividades da Câmara e a dissolução dos partidos políticos.

Em junho de 1940, Dr. Álvaro tomou posse como prefeito de Araxá. Durante o seu mandato vários melhoramentos foram viabilizados.

Devido ao seu elogiado desempenho frente à administração municipal foi designado Secretário de Agricultura do Estado de Minas Gerais no governo de João Beraldo.

Posteriormente, assumiu a presidência e a diretoria do Banco de Crédito Real de Minas Gerais, cargos estes exercidos entre 1951 e 1961, nos governos de Juscelino Kubitschek, Clóvis Salgado e Bias Fortes quando encerrou essa carreira vitoriosa.

Faleceu em Belo Horizonte em 25 de agosto de 1976.

LUIZ CHALRÉO CORRÊA

Nasceu no Rio de Janeiro/RJ em 05 de agosto de 1894. Era filho de Henrique de Rody Corrêa e Heloísa Chalréo Corrêa.

Completo os primeiros estudos no Colégio Marista São José, em sua cidade natal. Formou-se em Farmácia no Instituto Granbery de Juiz de Fora/MG.

Em Araxá trabalhou primeiramente como farmacêutico contratado para, em seguida, tornar-se proprietário da farmácia São José que funcionou nas ruas do Comércio, hoje, Dr. Franklin de Castro, Mariano de Ávila e Boa Vista, hoje, Olegário Maciel.

Inteligente, ativo e empreendedor, foi um dos primeiros a explorar as riquezas naturais do Barreiro, industrializando o sal e a lama minerais.

Fundou a “Grande Fábrica dos Legítimos Sabonetes de Araxá” onde era produzido o sabonete premiado e registrado com três marcas: Araxaense, Araxá e Araxalino.



Da esquerda para a direita: Luís (Lili), Luís Corrêa, Noêmia, Maria de Lourdes (Pepita) e Heloísa (Nonoca). s/d. Acervo: Maria da Glória Azevedo.

Participou ativamente da vida sócio-política da cidade. Foi Juiz de Paz e, algumas vezes, advogou em

defesas, atuou como promotor e, ainda, exerceu atividades no comércio de grãos.

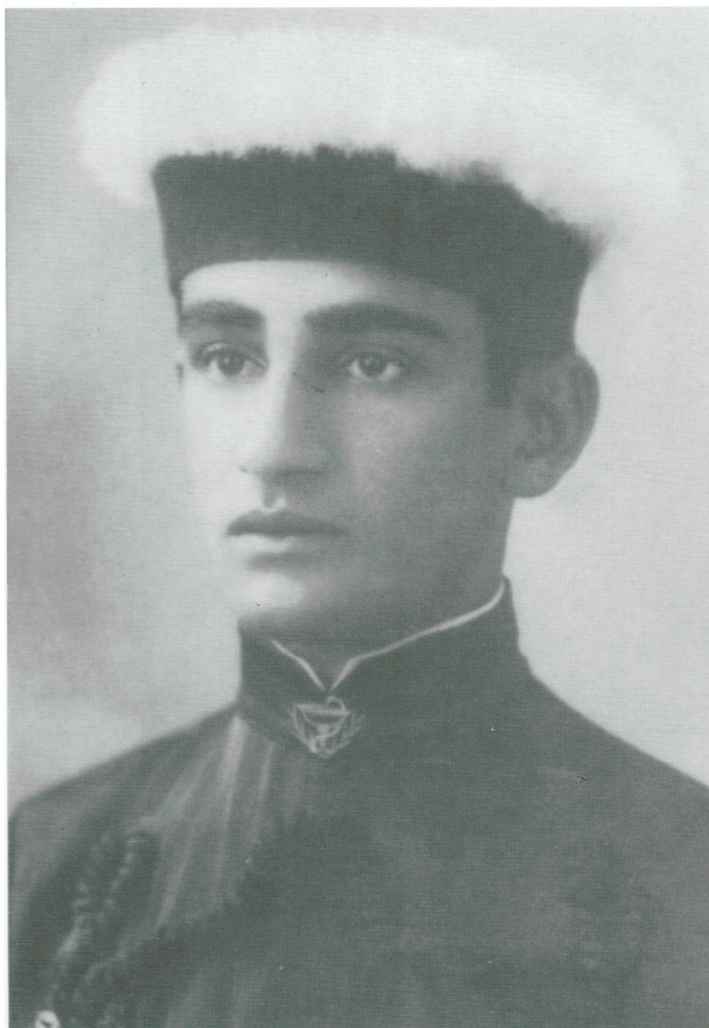


Noêmia e Luiz Chalréo Corrêa. 1984. Acervo: Maria da Glória Azevedo.

Mudou-se para o Rio de Janeiro e adquiriu a farmácia Palace na Av. Nossa Senhora de Copacabana, onde permaneceu por cinco anos. Sua volta a Araxá se tornou inevitável. Ao aposentar-se, Luiz e Noêmia mudam-se para Belo Horizonte e aí permanecem por três anos. E, novamente, voltam para Araxá.

Na cidade que elegera como sua, Luiz viveu seus últimos anos. Foi casado com Noêmia Santos e teve seis filhos: Maria de Lourdes (Pepita), Luís (Lili), Heloísa (Nonoca), Teresinha, Margarida e Aparecida. Luiz Corrêa faleceu em Araxá no dia 20/11/1985, aos 91 anos.

JOSÉ PINHEIRO DOS SANTOS



José Pinheiro dos Santos. Formando.
Acervo: Nice Pinheiro.

O filho mais velho de Donato Pinheiro dos Santos e Thomázia muito se aproximou do pai: na profissão de farmacêutico e na veia política. Nasceu em 20/07/1911.

José e seu pai, Donato, tiveram duas farmácias: farmácia Nossa Senhora da Conceição e farmácia Pinheiro e uma delas mantinha um laboratório de manipulação.

Formou-se em 1932 na cidade de Ribeirão Preto, na Faculdade de Pharmácia e Odontologia.

Depois de formado, casou-se com Maria Carneiro Pinheiro. Pai de Nice, única filha, que por sua vez lhe proporcionou a alegria de ter dois netos: Marcela e Mauro Júnior.

Na sua farmácia havia uma curiosidade: o “banco da farmácia”. Lugar em que recebia, todas as tardes, amigos para conversar, contar causos e “consultar”.

Empreendedor, em Araxá, foi fundador do Rotary Clube, diretor das Termas do Grande Hotel, vereador várias vezes, Presidente da Câmara e Prefeito interino. Foi, também, Prefeito da cidade de Santa Juliana. Faleceu em 1974.



José Pinheiro dos Santos.
Década de 1960. Acervo: Nice Pinheiro.

CLÓVIS CARDOSO JÚNIOR

Nasceu no dia 27 de janeiro de 1911 em Uberaba onde residiam os seus pais, Clóvis Cardoso e Elvira dos Guimarães Peixoto.

Fez o curso primário e o ginasial no “Ginásio Diocesano” dos Irmãos Maristas, onde recebeu formação educacional e religiosa. Aos 7 anos começou a estudar música. Pouco depois, ao lado do professor Theobaldo Bossini, tocava violino no “cinema mudo”.

Graduou-se como farmacêutico pela “Escola de Farmácia e Odontologia” de São Paulo em 1931, ocasião em que aprimorou seus estudos de música e se aper-

feçou no violino, que aprendera a tocar desde tenra idade.

Em 1932 mudou-se para Formiga e abriu a sua primeira farmácia, denominada “Farmácia Cruzeiro”. Aí permaneceu somente um ano.

Muda-se para Carmo da Mata, oeste de Minas, onde, em uma casa na avenida Dom Alexandre Gonçalves do Amaral, instala uma farmácia com o mesmo nome da anterior. Conheceu, então, a professora Lygia Valle com quem se casou em 20 de dezembro de 1934. Tiveram nove filhos: Lúcia, Helena, Cleonice, Lygia, Marília, Lucília, Célia, Hercília, Clóvis Neto e Cícero (faleceu ainda criança).



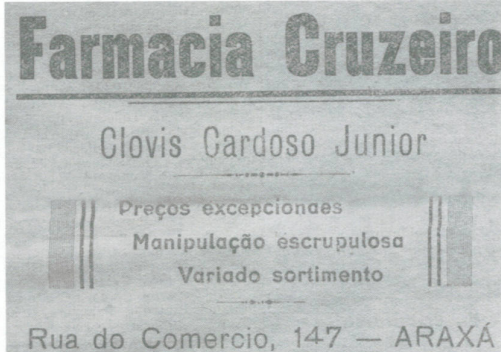
Clóvis Cardoso Júnior. 1931.
Acervo Lygia Cardoso Maneira.



Em pé, da esquerda para a direita: Lúcia, Helena, Cleonice, Lygia, Marília, Lucília, Célia e Hercília. Sentados, da esquerda para a direita, Clóvis, Clóvis Neto e Lygia. 1959. Acervo: Lygia Cardoso Maneira.

Após o casamento, transfere a sua residência para Araxá, local em que moravam seus pais e irmãos. E, novamente, instala uma farmácia com o mesmo nome das duas outras – Farmácia Cruzeiro.

Em 1941 deixou a farmácia e foi trabalhar com seu pai, Clóvis Cardoso, no Cartório de Registro Civil como escrivão titular até a sua aposentadoria em 1981. Faleceu em 05/11/1989.



Farmácia Cruzeiro. Jornal Renovação.
08/04/1934. Arquivo FCCB.

JAYME DUMONT



Jayme Dumont. s/data.
Arquivo FCCB/02074.

Nasceu em Perdizes/MG em 30 de junho de 1914. Era filho de Alexandre Ribeiro Dumont e Percília Porfírio. Formou-se em Farmácia pela Escola de Farmácia de Ouro Preto em 1938.

Recém-formado, volta para Araxá e começa a trabalhar na Farmácia Mesquita, de propriedade de Salomão Pereira de Mesquita.

No ano seguinte, em sociedade com Alexandre, Omar e Gil inaugurou a Drogaria Dumont, que funcionou por vinte e seis anos, em frente ao Cine Brasil onde, hoje, está instalado o Magazine Luíza. Implantou o sistema de distribuição de medicamentos para o abastecimento das farmácias locais e também da região, que culminou com a abertura de filiais em Patos de Minas e Patrocínio.

Em 1941 casou-se com Maria Martha de Ávila e teve 7 filhos: Dulce Maria, José Gaspar, Jayme Júnior, Carlos Alexandre, Alexandre Carlos, Mônica e Maria de Lourdes.

Exerceu várias atividades, tendo sido presidente da ACIA – Associação Comercial e Industrial de Araxá, diretor da Santa Casa de Misericórdia de Araxá, um dos fundadores do Clube Brasil e,

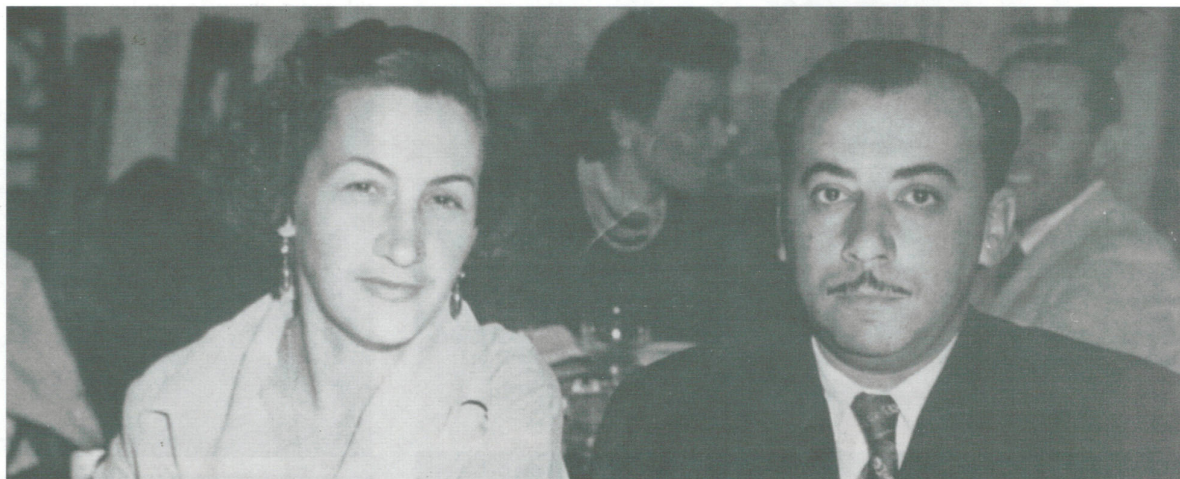
também, fundador e presidente do Najá Futebol Clube.

Na década de 1940, liderou a criação e a implantação da Rádio Imbiara junto com os amigos Dr. Pedro de Paula Lemos, Geraldo Porfírio Botelho, Dâmaso Drummond, Dr. José Maria Santos, Dr. Walter Santos e Dr. Danilo Cunha.

Foi um dos fundadores do partido local – UDN – União Democrática Nacional. Foi nomeado prefeito de Araxá, em 1947, pelo então governador Milton Campos e, dele, recebeu a incumbência de organizar a primeira eleição direta para prefeito.

Em janeiro de 1966 mudou-se com a família para Belo Horizonte com o objetivo de os filhos estudarem. Lá montou uma empresa atacadista – distribuidora dos laboratórios. Vendia também, para as farmácias daqui.

Faleceu no dia 23 de setembro de 1966 em São Paulo, em viagem de negócios, vítima de infarto.



Martha e Jayme Dumont. 1948. Acervo: Maria Martha Ávila Dumont.

EDGARD LADEIRA

Filho de Hermenegildo Ladeira e Maria Egídia Rezende Ladeira. Nasceu no dia 03 de novembro de 1915 em São Jerônimo dos Poções, distrito de São Gotardo/MG.

Os primeiros estudos aconteceram na fazenda Guaritas de propriedade de seus pais. Posteriormente estudou interno na cidade de Patrocínio/MG.

Depois mudou-se para Uberaba com a finalidade de cursar o científico.

Em 1937, na cidade de Ribeirão Preto/SP, formou-se em Farmácia.

Poucos dias antes de receber o diploma de conclusão do curso, casou-se com Diana Silva, natural de Sacramento. Tiveram três filhos: Hamilton, Rosa Maria, e João Bosco.

Após a formatura, mudou-se para

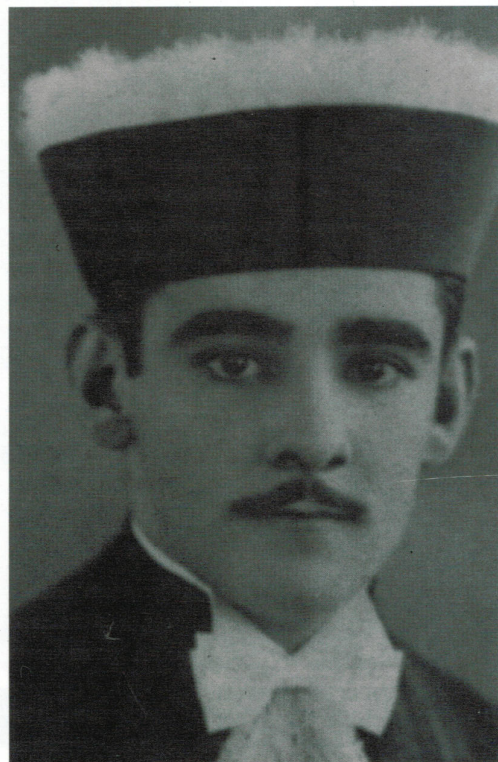
São Gotardo onde abriu a sua primeira farmácia.

Em 1944, com a inauguração do Grande Hotel, Edgard e família mudam-se para Araxá e, na galeria deste hotel, instala a primeira farmácia – farmácia das Termas. Neste período fez inúmeras e sólidas amizades, inclusive com o “Sr. Fontoura”, dono do laboratório que, até hoje, fabrica o conhecido remédio “Biotônico Fontoura”.

No final dos anos 70 e início de 71, Edgard e Diana se mudam para Montes Claros, onde residia sua filha.

Nessa cidade, além de continuar a exercer a profissão de farmacêutico, Edgard foi também pecuarista.

Em 1984, Edgard fica viúvo e, no ano seguinte, casa-se com Hermínia Vasconcelos. Faleceu em 04/11/2007.



Edgard Ladeira. 1927.
Acervo: Rosa Maria Ladeira de Azevedo.



Da esquerda para a direita: Rosa Maria, Edgard, Diana, Hamilton e João Bosco.
1962. Acervo: Rosa Maria Ladeira de Azevedo.

IVAN MESQUITA



Ivan Mesquita com a neta Júnea. Década de 1980.
Acervo: Cordélia Mesquita.

Nasceu em Ibiá/MG em 19 de novembro de 1922. Ainda bem pequeno, mudou-se para Araxá junto com seus pais Salomão Pereira de Mesquita e Ana Boaventura. Aos 13 anos colocou os prazeres da infância em segundo plano e foi ajudar seu pai na farmácia Mesquita. Assim, contribuía na educação de seus irmãos.

Começou entregando medicamentos, depois aplicando injeções e se tornou um excelente farmacêutico. Muitas vezes, como quase todos os farmacêuticos, passava por médico, amigo e confidente. Os que o conheciam diziam que ele curava até “mau humor”.

Foi proprietário da Droganova juntamente com Orlando da Cunha e Oliveira, José Ananias de Aguiar e Pompílio Rezende.

Casou-se com Cordélia Alves e teve dois filhos: Ivan e Valéria. A neta Júnea é filha de Valéria e Álvaro Luiz de Campos. Júnea, hoje, é profissional da área de seu avô, Ivan.

Foi exemplar como pessoa e como profissional. Era muito querido por todos. Faleceu em Araxá em 1999, aos 77 anos.



Da esquerda para direita, Álvaro (genro), Ivan, Valéria, Júnea, Ivan Jr. e Cordélia.
1998. Acervo: Cordélia Mesquita.

ORLANDO DA CUNHA E OLIVEIRA

Nasceu em Perdizes/MG no dia 20 de outubro de 1924. Filho de Manoel da Cunha e Oliveira e Ana Teixeira de Resende.

Fez os seus primeiros estudos na sua cidade natal. Ainda adolescente, começou a trabalhar na farmácia de José Pinheiro dos Santos onde, devido à sua curiosidade, aprendeu a manipular remédios (Farmácia Galênica), recebendo pelos serviços a quantia de um conto de réis.

Em 1944 mudou-se para Araxá e trabalhou no Empório Brasil, de propriedade de Theofredo Pinto da Silva, durante um ano.

Por dez anos trabalhou na manipulação de remédios na farmácia São Sebastião de Sebastião de Affonseca e Silva.

Em 1955 foi para a drogaria Dumont, onde exerceu a função de gerente na filial – farmácia Cruzeiro – por cinco anos. Com a venda da drogaria Dumont e das filiais daqui de Araxá, Orlando foi tra-

balhar na Droganova (propriedade de Ivan Mesquita, José Ananias de Aguiar e Pompílio Rezende) e aí permaneceu por mais ou menos oito meses.

Em agosto de 1961, em sociedade com Oswaldo Honorato Borges, adquiriu a farmácia Canaã (propriedade dos irmãos Sebastião e José Gonçalves de Paiva Teixeira, o Jojó) que, a partir daquele momento, passa a ser chamada de farmácia Santo Antônio.

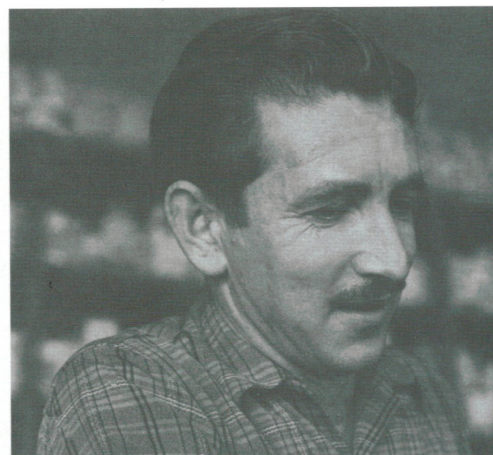
No final dos anos 60, Orlando comprou de seu sócio a parte do estabelecimento comercial e, posteriormente, o prédio.

Neste período, adquiriu também, as farmácias das Termas, DrogaCunha, São Domingos e São Geraldo. Trabalhou neste ramo durante quarenta anos e se aposentou.

Foi eleito vereador para o mandato de 1972-1976 e assumiu o cargo de vice-presidente da Câmara Municipal por três anos.



Da esquerda para direita, Livia, Lilia, Orlando, Orlando Filho, Lilia (esposa) e Ligiana. Década de 2000. Acervo pessoal.



**Nos momentos de aflição,
há uma porta
sempre aberta em Araxá**

A qualquer hora do dia ou da noite, há uma porta sempre franca em Araxá, para o atendimento daqueles que a doença colocou em estado de aflição. Isto, desde 1961, quando Orlando da Cunha Oliveira e Oswaldo Honorato Borges fundaram naquela cidade balnearia a Farmácia Santo Antônio.

Orlando da Cunha Oliveira vinha carregado da experiência comercial adquirida durante 15 anos de trabalho em duas importantes firmas locais: Oswaldo Honorato Borges, sócio da firma, é figura muito conhecida e bem relacionada nos meios comerciais, constituindo uma das alavancas do progresso araxaense. Ainda agora, em 7 de outubro de 1962, seu nome está na mira popular como candidato à Câmara Municipal de Araxá. Recentemente, mais um sócio foi admitido na firma, o Sr. Milton Pereira de Resende.

Prodigalizando a preferência da população, não obstante os poucos anos de sua existência, esse estabelecimento farmacêutico tem buscado uma maneira suave de negociar, que é a modicidade nos preços. Seu corpo de funcionários, 7 ao todo, trabalha dentro dos princípios de honestidade, seriedade e rigor na manipulação.

Em contato com a reportagem, o Sr. Orlando da Cunha Oliveira teve oportunidade de discorrer sobre a firma, com cifras e outros dados: "Nosso capital registrado é de 1 milhão de cruzeiros, estando o patrimônio da firma avaliado em 10 milhões. Sempre atentos à entrada no mercado de produtos de comprovada eficiência, não os temos deixado faltar em nossa casa comercial. Contando com um corpo médico da mais alta categoria profissional, sempre em dia com os métodos modernos de cura Araxá necessita de estabelecimentos farmacêuticos à altura de atender ao receituário médico".

Uma outra condição favorável ao comércio da Farmácia Santo Antônio é sua localização em uma das ruas mais centrais de Araxá: no número 200, da Avenida Senador Montandon.



FLAGRANTE TOMADO EM 12 DE AGOSTO DE 1961, DATA DA INAUGURAÇÃO DA FARMÁCIA SANTO ANTONIO. QUANDO O PADRE ANACLETO PROCEDIA A BÊNÇÃO DAS INSTALAÇÕES.

Revista 3 Tempos.
Arquivo/FCCB/0087/DPH/001.

ALDOVANDO GUIMARÃES



Aldovando Guimarães. s/d.
Arquivo FCCB.

Filho de Avelino Custódio Guimarães, alfaiate, e de Ana Porfírio, quitandeira. Nasceu em Araxá no dia 02 de fevereiro de 1926.

Aos sete anos já trabalhava na Farmácia São Sebastião, propriedade de seu tio Sebastião de Affonseca e Silva, onde aprendeu a manipular remédios. Assim, ingressou no ramo farmacêutico, nele atuando por mais de 50 anos.

Teve uma infância feliz ao lado dos amigos, Pe. Henrique, Pe. Alaor e Dom José Gaspar.

Criado num ambiente de muita religiosidade, foi coroinha na Igreja Matriz de São Domingos. Aprendeu a repicar o sino com o irmão leigo Rafael Liberto e o fazia solenemente durante as missas, funções litúrgicas e procissões. Com o passar do tempo, atendeu também na Igreja de São Sebastião.

Ainda jovem, mudou-se para Santa Ju-

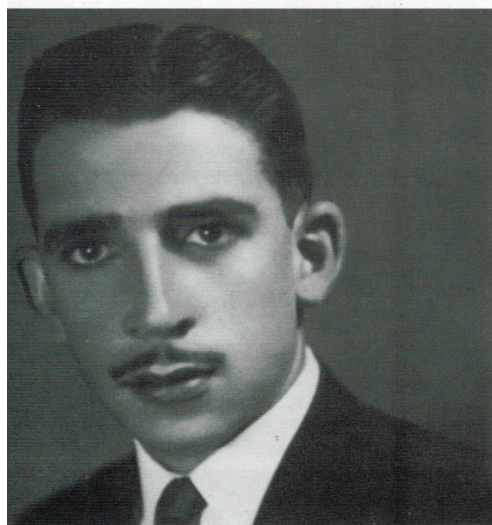
liana onde foi proprietário de farmácia. Depois seguiu para Zelândia e lá, a cavalo, atendeu os doentes e fez partos.

Morou em Perdizes e trabalhou na farmácia de Agnaldo Afonso, filho de Antenor Afonso. Foi proprietário, em Argenita, de uma farmácia que pertencera a Cristóvão Pires, cunhado de Cincinato de Ávila. Retornando a Araxá, trabalhou na Drogaria Dumont e foi gerente da Farmácia Cruzeiro.

Mais tarde, já casado, voltou para Argenita e, novamente, abriu uma farmácia e lá permaneceu apenas um ano. De volta a Araxá abre, no Largo de São Sebastião, a Farmácia Santa Terezinha, onde permanece até se aposentar.

Foi casado com Iracema Duarte e teve oito filhos: Ana Maria, Aldovando Filho, Maria Cristina, Maria Inês, Maria Lúcia, José Gaspar, Avelino Neto e Flávio. Faleceu em 02/02/1996.

NADIM ABDANUR



Nasceu em Araxá/MG em 04/07/1930. Muito respeitado como farmacêutico. Seu primeiro ofício foi como entregador de remédios, em 1945, na drogaria Dumont. De entregador passou a farmacêutico prático, devido ao seu talento e dedicação à profissão.

Era sempre procurado para indicar medicações, tal a confiança que inspirava nos clientes da farmácia. Em 1959 comprou a drogaria Dumont. Nadim casou-se com Balbi-

na Pereira Abdanur.

São seus filhos: Maria Alice, Maria do Carmo, Maria Lula, Nadim Abdanur Jr., Maria Angélica e Roberto.

Atuou neste ramo por 20 anos. Mesmo depois que não exercia mais a profissão, era requisitado pelos seus conhecidos, para opinar sobre o procedimento em relação à alguma enfermidade. Faleceu em 19 de setembro de 1988.

Nadim Abdanur. Década de 1950. Acervo: Maria Angélica Abdanur Porfírio Franco.

LUIZ GONZAGA BATISTA

Nasceu em 19/06/1932. Iniciou sua profissão aos 16 anos. A farmácia Nossa Senhora da Conceição de propriedade de Donato Pinheiro dos Santos foi onde se deu o início do seu aprendizado em farmácia e o despertar para a vocação de farmacêutico.

Em 1951, quando terminou o Tiro de Guerra, foi trabalhar na drogaria Dumont. Depois trabalhou na Droganova, fundada pelo Grupo Mesquita e Aguiar.

Casou-se com Marlene Alves da Costa e teve dois filhos: Aclínio José Batista (Quininho) e Luiz César e quatro netos: Mateus, Mariana, Marina e Igor.

Sempre fiel a este ramo e decidido a aprofundar seus conhecimentos, trabalhou ainda com Orlando Cunha

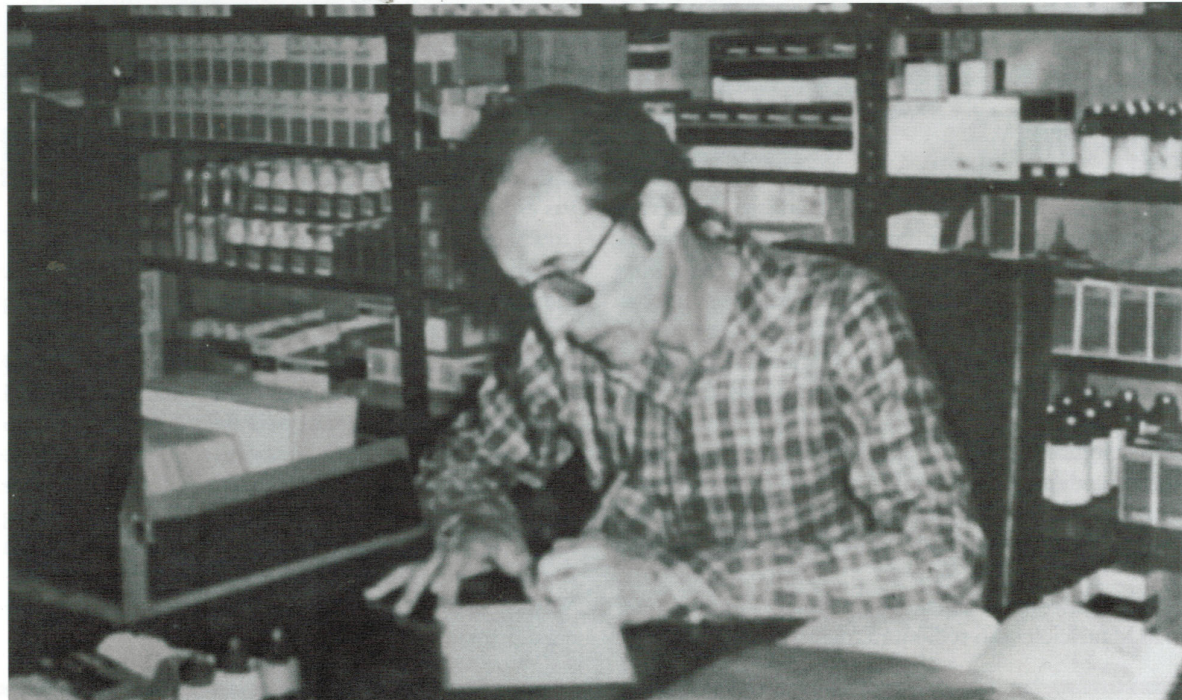
na farmácia Santo Antônio. Mais tarde, por causa do seu interesse e competência, foi convidado pelos novos proprietários, Orlando e Osvaldo, para gerenciar a farmácia São Sebastião. Concretizou seu intento de ser dono do próprio negócio, comprando a farmácia São Sebastião e trocando seu nome para farmácia São Domingos tendo como sócio Milton Pereira de Rezende.

Mais tarde, depois de encerrar a sociedade com Milton, abriu a Farmácia do Luizinho, sendo o único proprietário. Criou as “Gotas Milagrosas”, remédio eficaz para os males do fígado e do estômago.

Profissional íntegro e apaixonado pelo que faz, teve a felicidade de ver continuar seu empreendimento através do filho Luiz César que, hoje, dirige a farmácia.



Luiz Gonzaga Batista. 1950. Acervo pessoal.



Luiz Gonzaga Batista. Década de 1970. Acervo pessoal.

JOSÉ BATISTA DA COSTA



Da esquerda para a direita, em primeiro plano: José Batista, a filha Cassandra e o filho Alessandro. Atrás: o filho Warley, a esposa Maria Alice e o filho Alex. Década de 2000. Acervo pessoal.

Nasceu em 05/12/1934 e aos 15 anos já despertava para o trabalho de farmacêutico. Achou aí sua vocação. Começou na drogaria Dumont e logo familiarizou-se com a profissão e suas compensações.

Permaneceu por 10 anos nesta drogaria, sendo 7 em Araxá e 3 em Patrocínio, onde existia uma filial.

As farmácias, São Sebastião, São Domingos e Dom Bosco também contribuíram para que José fosse aprimorando seus conhecimentos. Considerava seu trabalho, em todas elas, de muita responsabilidade.

Mais tarde, com 15 anos de experiência, tendo seu irmão Maurício como sócio juntamente com as respecti-

vas esposas, abriu a drogaria Batista.

Dedicou a esse empreendimento mais de 36 anos da sua vida, trabalhando lá, mesmo depois de se aposentar.

Segundo depoimento da sua esposa Maria Alice: “Os anos de trabalho na área farmacêutica, embora desgastantes, foram gratificantes, pois além de experiência de vida e podendo sempre ajudar os outros, alcançou a satisfação financeira, possibilitando a criação dos filhos.”

É casado com Maria Alice da Costa e teve 4 filhos: Warley, Alessandro, Alex e Cassandra; e 2 netas: Letícia e Bruna.

MAURÍCIO BATISTA DA COSTA



À esquerda, Maurício Batista da Costa, à direita, o irmão José Batista da Costa e entre eles funcionários e familiares. 1977. Acervo pessoal.

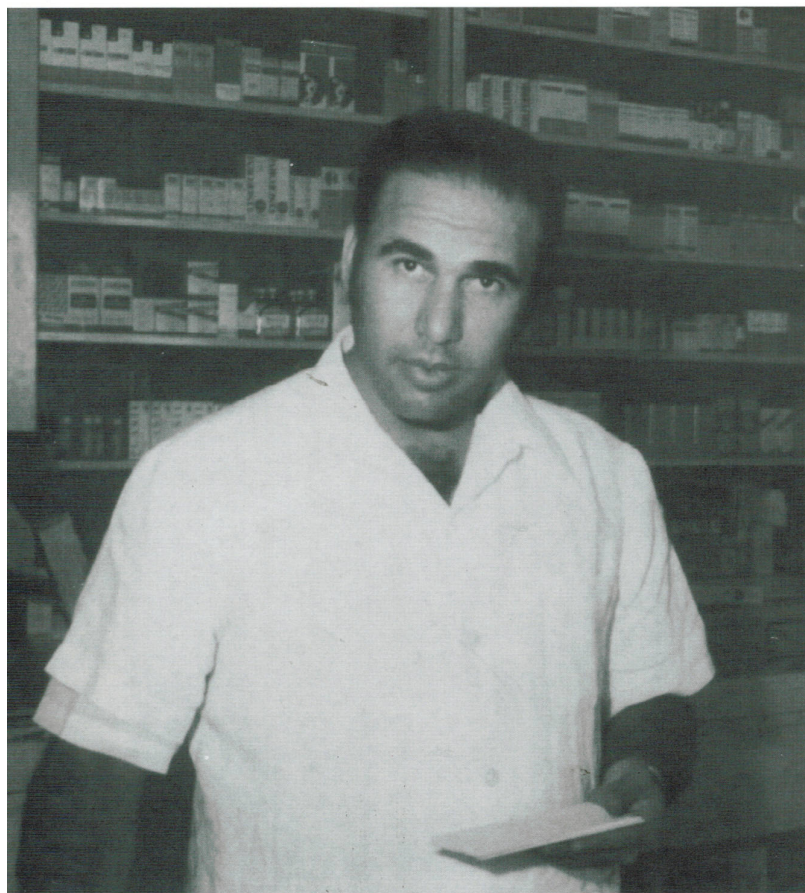
Maurício iniciou sua vida profissional em 1948 como atendente na drogaria Dumont, propriedade de Jayme Dumont.

Casado com Olga Teixeira da Costa tem três filhos: Maurício, Murilo e Melina. Trabalhou na Droganova no período de 1960 a 1962. O gerente, nesta época, era Ivan Mesquita. Em 1963, foi trabalhar com seu irmão Geraldo Batista e Virmondes Reis, proprietários da farmácia São Geraldo. Atuou, também, na farmácia do Nadinho.

A cada ano Maurício se entusiasmava mais com a profissão e, em 1969, adquiriu sua própria farmácia: drogaria Batista, localizada no prédio do Mercado Municipal. Seus sócios: a esposa Olga, seu irmão José e sua cunhada Alice. Foram 34 anos servindo à comunidade de Araxá.

Atualmente, aposentado, Maurício é agradecido aos primeiros patrões com quem aprendeu muito sobre farmácia, e assim pôde educar seus filhos e proporcionar conforto a toda a família.

JOSÉ MARIA LEMOS



José Maria Lemos no ambiente de trabalho. Década de 1960.
Acervo pessoal.



Farmácia Cruzeiro. A primeira que José Maria Lemos trabalhou.
Década de 1940. Acervo pessoal.

Nasceu em Araxá em 04/05/1939 e é conhecido como “Zé Maria da Farmácia.”

Começou a trabalhar aos 10 anos na farmácia Cruzeiro. Aldovando Guimarães foi seu mestre, ensinando-lhe a manipulação e o atendimento aos clientes no balcão. A sua gratidão vai toda para a família Dumont que o acolheu, dando-lhe apoio irrestrito no período em que trabalhou na farmácia Cruzeiro, filial da drogaria Dumont. Esta era uma grande farmácia que possuía o atacado e o varejo com movimento considerável na região.

Mais tarde, José Maria adquiriu a farmácia Cruzeiro. Ali trabalhou. Quem viveu nessa época, vivenciou a sua dedicação. Continuamente, tinha oportunidade de ajudar as pessoas que necessitavam de uma “consulta” ou mesmo de um remédio. Construiu em outro local a farmácia Santa Mônica, desativando a farmácia Cruzeiro. Por 40 anos trabalhou nesse ramo e sempre buscava conhecimentos na área, se atualizando-se, modernizando sua farmácia, mas conservando a mesma postura de princípios éticos. Por isso, hoje é reconhecido por gerações sendo referência na área de saúde da cidade.

É casado com Elma e teve 6 filhos: José Otávio, Mariângela, José Maria Lemos Jr., Marielen, Marielma e Sérgio Henrique (falecido).

Aos 61 anos de idade, foi eleito vereador abrindo um leque de oportunidades de ações em sua vida. Logo depois encerrou suas atividades na farmácia. Atualmente gerencia, com muito critério, a farmácia Municipal de Araxá. Segundo depoimento dele mesmo, considera-se um homem realizado com a família que construiu e com os amigos que conquistou.

MILTON PEREIRA DE REZENDE

Nasceu em Divinópolis/MG em 13 de maio de 1939. Milton iniciou cedo seus conhecimentos sobre farmácia. Sempre gostou de trabalhar e era muito comunicativo. Com 8 anos de idade já era entregador de remédios na cidade de Martins Campos.

Lá viveu sua adolescência e ganhou muito carinho e atenção de uma empregada de nome Maria. Ela ajudava a mãe, Eudóxia, nas tarefas domésticas, mas para Milton ela era uma “segunda mãe”.

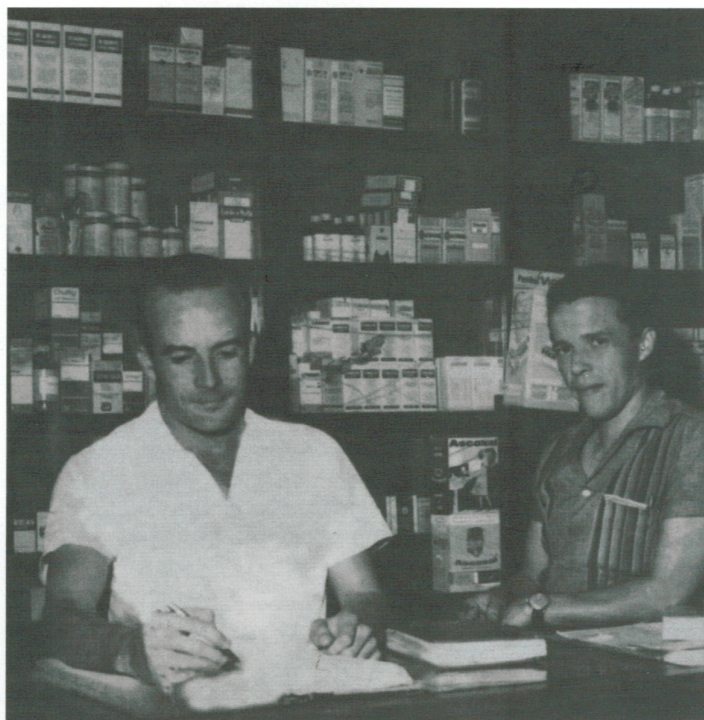
Milton mostrou ser uma pessoa do bem e reconhecida, quando Maria adoeceu e os recursos da cidade ficaram escassos para o seu tratamento médico. Ele mudou-se com ela para Belo Horizonte e deu-lhe toda a atenção necessária até o seu falecimento.

No final dos anos 50, seu pai, Olinto Carlos, que era agente ferroviário da Rede Mineira de Viação, foi transferido para Araxá.

Aqui, a primeira farmácia em que trabalhou foi a de Salomão Mesquita. Depois, comprou em sociedade



Daniela, Sebastiana (Lesa), Milton e Carlos Eugênio. Atrás, Milton Júnior. Década de 1970. Acervo: Sebastiana Guimarães Rezende.



José Batista e Milton Pereira de Rezende no interior da farmácia. Década de 1960. Acervo: Sebastiana Guimarães Rezende.

com Luiz Gonzaga Batista (Luizinho) a farmácia São Domingos. Trabalharam juntos alguns anos até que resolveram vendê-la.

Conheceu Sebastiana Guimarães, “Lesa”, e casaram-se em 08 de outubro 1960. Tiveram dois filhos: Milton Júnior e Carlos Eugênio. Mais tarde adotaram Daniela.

Milton inaugurou a farmácia Imbiara e, com a ajuda da esposa Lesa, dirigiu-a conquistando clientes fiéis. Sempre contavam com pessoas para conversar, pedir ou se aconselhar sobre uma medicação. Milton faleceu, vítima de infarto, em 23/09/1991.

Pesquisa e texto:

- Maria Trindade Coutinho Resende Goulart
- Cecília Angélica Machado de Paiva
- Keyla Barbosa Machado

FONTES:

- Arquivos da Fundação Cultural Calmon Barreto.
- Lugar de Memória, Vol. I, 2001, págs. 33, 59, 65, 139.
- Lugar de Memória, Vol. II, 2002, pág. 137.
- O Trem da História n.º 15, Ano 4, Out.-Dez./1994 – págs. 8 a 14.

- O Trem da História n.º 28, Ano 9, Jan./Abr./1999 – pág. 3 a 5.
- O Trem da História n.º 36, Ano 13, Out./2003 – pág. 29.
- O Trem da História n.º 40, Ano 15, Set./2005 – págs. 9, 12, 15.

- **Depoimentos:** Cordélia Mesquita, Flaviana Augusta Montandon Ladeira, José Maria e Elma Lemos, Lygia Cardoso Maneira, Luiz César Batista, Luiz Gonzaga Batista, Maria Alice Batista da Costa, Maria Angélica Abdanur Franco, Maria Martha de Ávila Dumont, Nice Pinheiro, Olga Teixeira da Costa, Orlando da Cunha e Oliveira, Rosa Maria Ladeira de Azevedo, Roberto Pinheiro dos Santos, Sebastiana Guimarães de Rezende, Teresinha Corrêa Soares.



QUEM FOI QUEM

JOSÉ PORFÍRIO DA PAZ

Um araxaense que foi Governador de São Paulo

José Porfírio da Paz nasceu em Araxá/MG em 24/01/1903 e faleceu em São Paulo no dia 28/09/1983. Era filho do Sr. Ozório Porfírio Álvares Machado e de Dona Theodora Affonseca e Silva Porfírio. Eram 9 ao todo, irmãos (5) e irmãs (4). Na intimidade os familiares e amigos o chamavam de Godinho, apelido de criança.

Foram seus companheiros de peraltices: Dom José Gaspar, Enéas Santos, Hermann Porfírio, Rosalvo Santos e outros. Seu avô materno, o Sr. João Maximiniano Affonseca e Silva, era tabelião. Notando no neto vontade de se dedicar aos estudos, resolveu dar-lhe um presente, encaminhando-o para continuar os mesmos em Campinas/SP, no Colégio Marista. De lá ele seguiu para São Paulo onde fez o curso de Farmácia.

Foi então que entrou para o Exército na arma de Farmácia e atingiu o generalato, chegando a General-de-Brigada. Participou ativamente da Revolução Constitucionalista de 1932. Na época era tenente. Foi preso e depois anistiado.

Assim opinou o ex-presidente da República, Juscelino Kubitschek, a respeito da Revolução de 32: “A Revolução Constitucionalista aberta em São Paulo a 9 de julho de 1932 é um acontecimento que já atravessou as portas do tempo comum para penetrar na perenidade da história. Foi uma daquelas causas pelas quais os homens podem viver com dignidade e morrer com grandeza.”

Político nato, o Gen. Porfírio da Paz foi deputado estadual por São Paulo em 1947 e 1951. Foi eleito vice-prefeito da cidade de São Paulo de 1953 a 1955, tendo exercido várias vezes o Executivo Municipal nas ausências do titular – Jânio Quadros.

“O Gen. Porfírio tem atos de heroísmo na história do São Paulo Futebol Clube. É um homem que deu e se deu ao clube.”

“Ele soube viver. Foi honesto e procurou sempre ajudar o próximo. Tudo que ele administrou foi bem administrado, pois fazia tudo por amor, sem nunca pensar no orgulho próprio.”

Foi por duas vezes vice-governador do Estado de São Paulo tendo respondido pelo governo em várias oportunidades, nas licenças dos titulares, respectivamente, Jânio Quadros (1955 a 1959) e Carvalho Pinto (1959 a 1963).

Como vice-governador e governador de São Paulo, em exercício, liberou várias verbas para que a estrada Araxá-Franca não sofresse paralisações e manteve relacionamento estreito com o governo mineiro no sentido de que a parte mineira da estrada continuasse, acalentando, assim, a tão sonhada estrada araxaense-francana.

Em São Paulo sempre acolheu os araxaenses com simpatia, atendendo-os em reivindicações de empregos, tratamentos médicos etc... Manteve durante toda a vida seu amor por Araxá, familiares e amigos, pois nunca deixou de frequentar sua cidade natal.

O Gen. Porfírio da Paz foi um desportista abnegado e apaixonado pelo São Paulo Futebol Clube do qual foi um dos fundadores, sendo o autor do seu hino: “Salve o Tricolor Paulista...” Em 1935 o São Paulo da Floresta estava para acabar.

Denodados desportistas, entre eles o Gen. Porfírio da Paz, fizeram reviver o Clube denominando-o São Paulo Futebol Clube, do qual foi eleito Diretor Esportivo - 16/12/35 - e, a partir de então, sempre foi elemento de destaque nos destinos da agremiação, ocupando os cargos de Diretor Esportivo, Diretor Social, Vice-Presidente, Conselheiro Vitalício e Membro da Comissão Pró-Estádio (construção do Estádio do Morumbi).

Sintetizando o pensamento dos são-paulinos, o ex-governador de São Paulo, banqueiro e ex-presidente do São Paulo Futebol Clube, Laudo Natel, disse o seguinte: “O Gen. Porfírio tem atos de heroísmo na história do São Paulo Futebol Clube. É um homem que deu e se deu ao clube.”

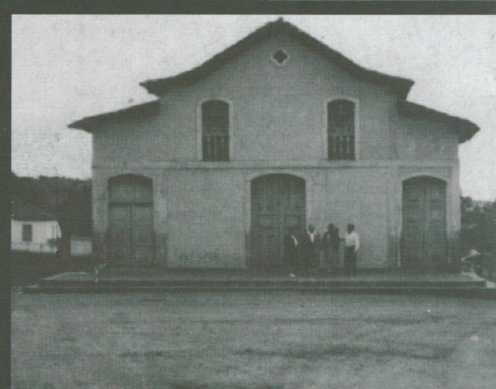
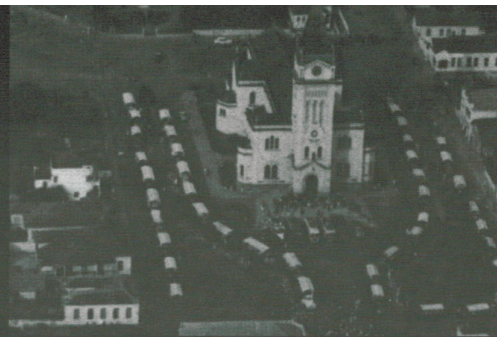
O Dr. Paulo Machado de Carvalho (nome do Estádio do Pacaembu), eminente desportista de renome nacional, deu seu depoimento a respeito do Gen. Porfírio: “Não é preciso dizer mais sobre um homem que vendeu seu único patrimônio - sua casa - para dar início, o princípio a este clube. Acho que isto diz o seu valor.”



Ao seu velório e enterro houve grande comparecimento do povo, altas autoridades militares e eclesásticas, políticos, empresários, esportistas e dirigentes desportivos.

Católico praticante e fervoroso, devoto de Nossa Senhora da Aparecida, foi um dos grandes divulgadores do seu culto. No enterro do Gen. Porfírio assim falou o ex-governador do Estado de São Paulo, Dr. Carvalho Pinto: “Ele soube viver. Foi honesto e procurou sempre ajudar o próximo. Tudo que ele administrou foi bem administrado, pois fazia tudo por amor, sem nunca pensar no orgulho próprio.”

Luiz Rosalvo Santos



AS FOTOS DE RUAS E
LOGRADOUROS PÚBLICOS
LEMBRAM A ARAXÁ DE UM
TEMPO QUE SE FOI.



LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE SE FOI



Antiga Igreja Matriz de São Domingos, demolida em 1930. Praça Cel. Adolpho. 1927. FCCB/00394.



Subestação de eletricidade. Praça Cel. Adolpho. 1914. FCCB/00239.

PRAÇA CORONEL ADOLPHO



Praça Cel. Adolpho. Década de 1920. FCCB/00787.



Procissão na praça Cel. Adolpho. À esquerda, antiga Igreja Matriz. Década de 1920. FCCB/00253.

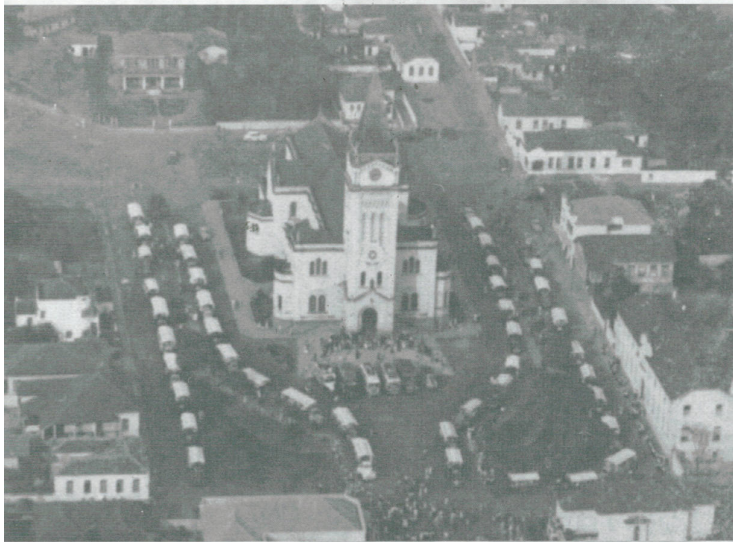


Procissão na praça Cel. Adolpho. À direita, antiga Igreja Matriz. Ao fundo, Câmara Municipal. Década de 1920. FCCB/00483.

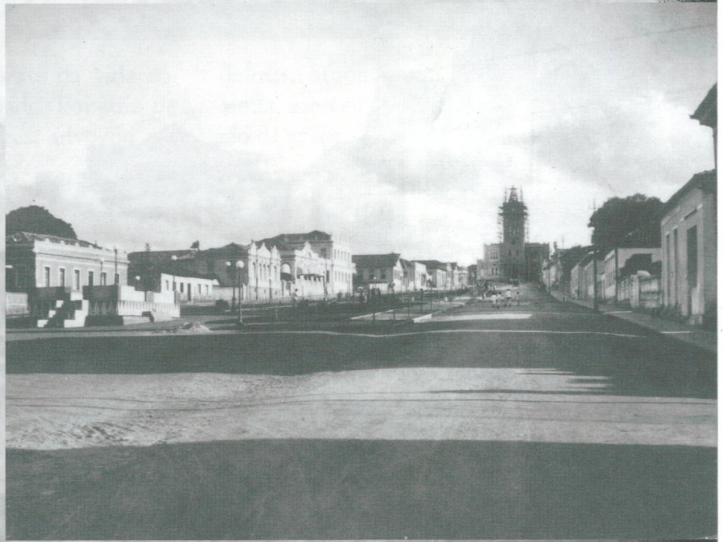


Coreto da Praça Cel. Adolpho. 1928. FCCB/00397.

PÇA CEL. ADOLPHO E AV. ANTÔNIO CARLOS



Vista aérea de Araxá vendo-se a Igreja Matriz de São Domingos. Década de 1950. FCCB/00057.

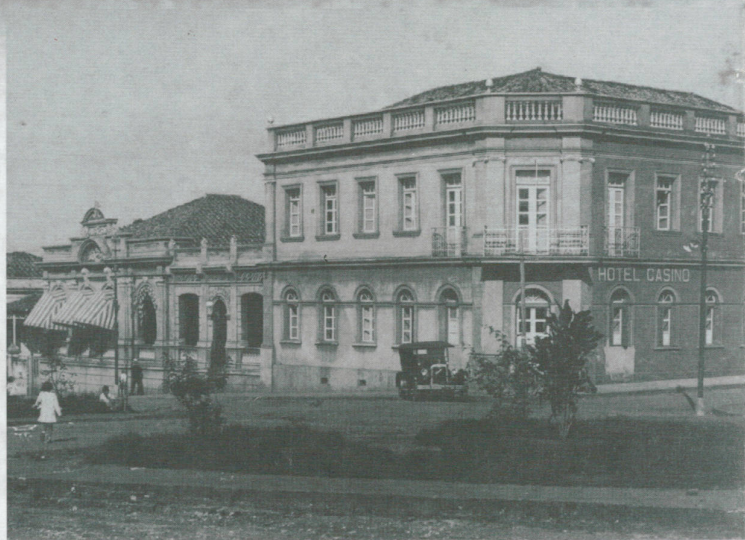


Av. Antônio Carlos, ao fundo, a Igreja Matriz em construção. Década de 1930. AF/FCCB. Doação: Rodrigo Santana Alvim.

LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE SE FOI



Antigo Cine Trianon, hoje Banco do Brasil.
1920/1930. FCCB/01666.



Hotel Cassino, esquina da rua Pres. Olegário Maciel
com Av. Antônio Carlos. 1930. FCCB/00024.

AV. ANTÔNIO CARLOS



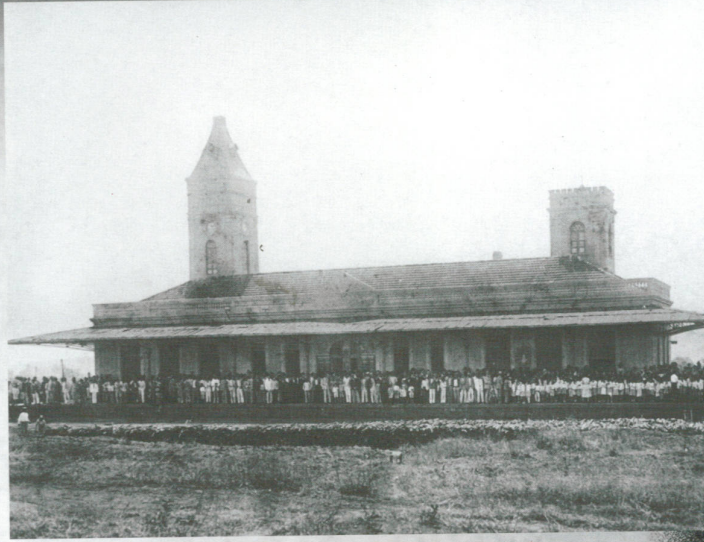
Av. Antônio Carlos, s/d. FCCB/00467C.



Av. Antônio Carlos, antiga Av. D'Abbadia.
1920/1930. FCCB/01661.



Estação Ferroviária Oeste de Minas, hoje
Fundação Cultural Calmon Barreto.
1926/1930. FCCB/00337.



Estação da Rede Mineira de Viação (fachada posterior).
Década de 1930. AF/FCCB.
Doação: Rodrigo Santana Alvim.

BENS TOMBADOS



Árvore dos Enforcados. 1939. FCCB/00059.



Cine-Teatro Brasil à direita, na rua Pres. Olegário Maciel.
1940/1950. FCCB/00402.

LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE SE FOI



Praça N. Sra. da Conceição, hoje Gov. Valadares.
Década de 1930. AF/FCCB.
Doação: Rodrigo Santana Alvim.



Praça Governador Valadares.
Década de 1940. FCCB/00755.

BENS TOMBADOS



Praça Governador Valadares (vista aérea).
Década de 1950. FCCB/00220.



Igreja de São Sebastião. s/d.
FCCB/00283.



Esquina das ruas Boa Vista com Mariano de Ávila. Década de 1930. FCCB/00421.



Rua Pres. Olegário Maciel. 1940. FCCB/00050.

RUA PRESIDENTE OLEGÁRIO MACIEL



Rua Boa Vista, hoje Pres. Olegário Maciel. 1920/1930 - FCCB/01665.



Rua Boa Vista, hoje Pres. Olegário Maciel. 1940/1950 - FCCB/00401.

LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE SE FOI



R. do Comércio (hoje, Franklin de Castro) esquina com Av. Goyaz (hoje, Almeida Campos). Déc. 1920. FCCB/00398.



Rua Mariano de Ávila. 1924. FCCB/00770.

LOGRADOUROS CENTRAIS



Antiga rua São Miguel, atual Capitão Izidro. 1920/1930. FCCB/00241.



Av. Vereador João Senna, antiga Av. Lavapés. Década de 1950. FCCB/00768.

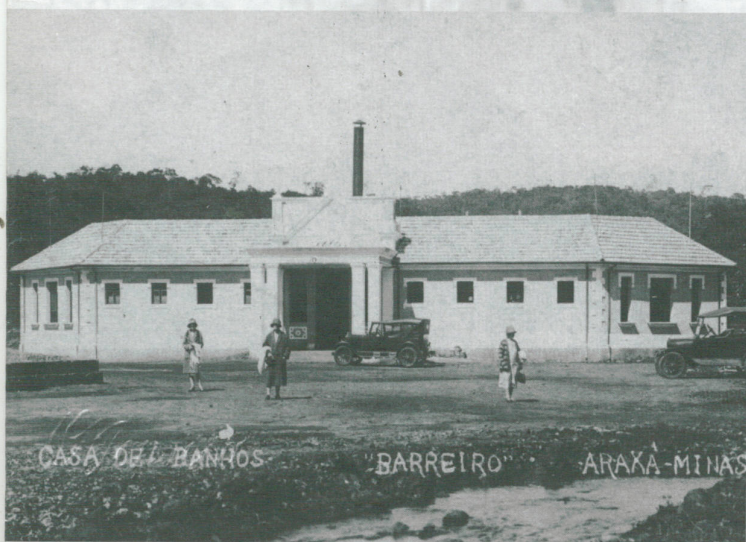


Aquáticos no Barreiro. 1927. FCCB/00347.



Antiga estrada Araxá-Barreiro.
Década de 1920. FCCB/00690.

BARREIRO

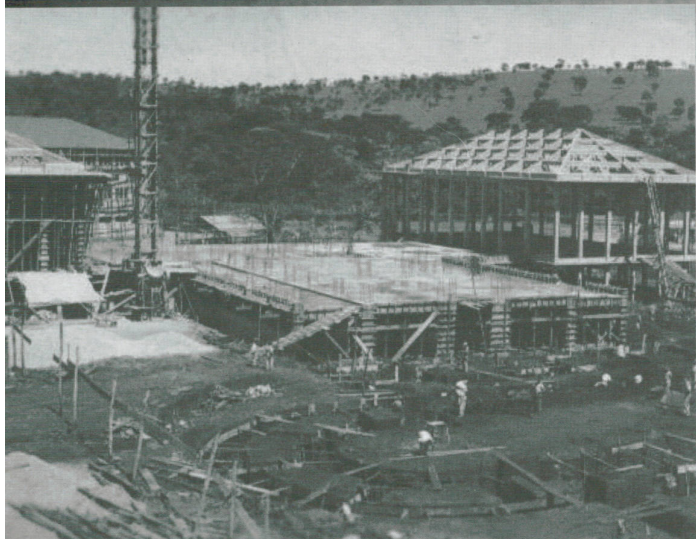


Casa de Banhos, Barreiro. 1926/1930.
FCCB/00221.

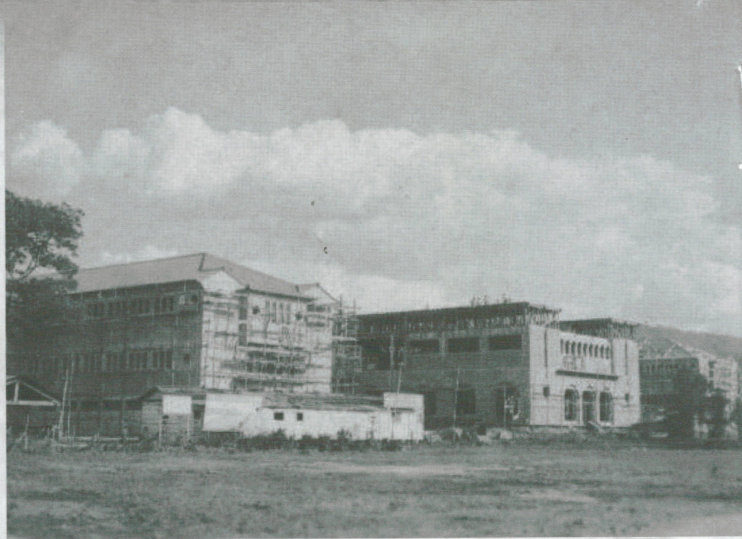


Fonte Andrade Júnior. s/d. FCCB/03096.

LEMBRANÇAS DE UM TEMPO QUE SE FOI



Construção do Grande Hotel do Barreiro.
Década de 1940. FCCB/01228.



Construção do Grande Hotel do Barreiro.
Década de 1940. FCCB/01224.

BARREIRO



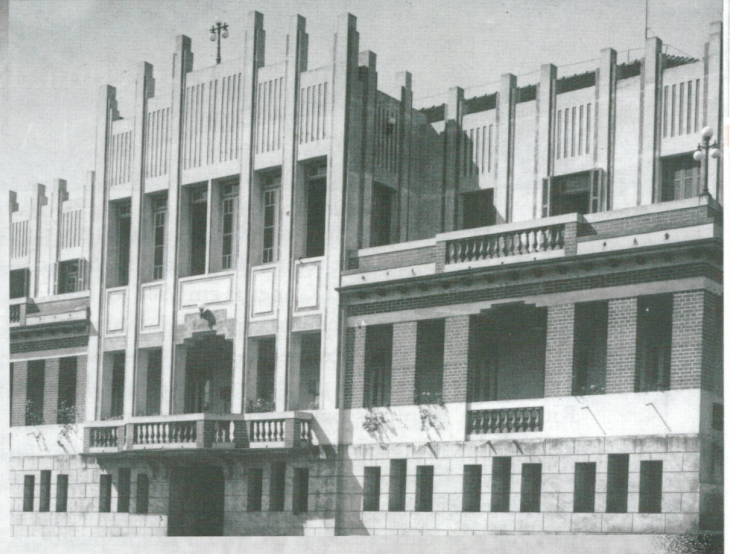
Salão de entrada do Grande Hotel do Barreiro.
1944. FCCB/00193.



Praça de Esportes do Grande Hotel do Barreiro.
Década de 1950. FCCB/00166.



Vista aérea do Barreiro. 1953. FCCB/01372.



Hotel Colombo. Década de 1940. FCCB/00429.

BARREIRO



Ruínas do Hotel Rádio. Década de 1970.
FCCB/00188.



Hotel Cura e Repouso, hoje
Hotel Nacional Inn Previdência.
Década de 1960. FCCB/00223.

OFICINA DA HISTÓRIA

*Prof. Ms. Luciano Marcos Curi – Editor

Marcelina, Rotary e Luíza: HISTÓRIA DA ESCOLA DO BAIRRO SANTA RITA

A pesar de o Bairro Santa Rita ser um dos mais antigos de Araxá e remontar, provavelmente, ao final do século XIX, apenas em 1948 foi improvisada uma escola para atender a comunidade santarritense.

A primeira notícia conhecida de uma reivindicação formal para criação de uma escola no arrabalde Santa Rita partiu da professora Luíza de Oliveira Faria, em 1938, dirigida ao então prefeito de Araxá Fausto Alvim. Desejava a professora Luíza que a escola se chamasse Escola Municipal Modelo e que seu prédio fosse exemplo para todas as outras escolas de Araxá. Ironicamente, as instalações nunca foram o ponto mais elogiável da escola do bairro. Toda a comunidade santarritense anseia que em 2009 esse projeto Modelo finalmente se concretize com a inauguração do novo prédio à rua Maria de Lourdes Moreira, n.º 315.

A história da Escola do Bairro Santa Rita se divide em dois períodos: o primeiro de 1948 a 1964 (Escola Municipal Marcelina Cardoso), o segundo estende-se de 1965 até os dias atuais (Escola Estadual Prof.ª Luíza de Oliveira Faria).

Escola Municipal Marcelina Cardoso (1948-1964)

Quando a Escola Municipal Marcelina Cardoso iniciou seu funcionamento em 1948, numa casa particular localizada a Av. Washington Barcelos, n.º 15, inicialmente cedida e depois alugada, os bairros São Geraldo (antigo Lavapés) e Santo Antônio (antigo Bairro Alto) já possuíam tal estabelecimento. Nesse endereço a escola funcionou até 1964, em duas salas da referida residência, numa precariedade de recursos e espaço. Havia uma escada na porta da sala-de-aula onde os alunos sentavam-se para lanchar durante o recreio. Pátio não existia e os alunos brincavam na estrada, no lugar exato onde se localiza, hoje, a escola (Av. Ananias Teixeira, n.º 10). Frequentemente o recreio era cancelado devido às boiadas que transitavam ao lado da escola. Localizada num lugar de passagem havia o receio constante de que “as vacas pegassem os meninos”. Foi um período difícil em que a escola refletia a pobreza do próprio bairro Santa

Rita. Neste momento, Araxá expandia-se na direção sul, rumo ao Barreiro. Nesta época a escola oferecia apenas o curso primário (1ª a 4ª séries do atual Ensino Fundamental) e foram professoras: Irene Marques Rocha (1948-1963); Maria de Lourdes Silva (1959-1964); Ângela Nolli (1953-1961); Lélia Guimarães e Maria Judith. Todas elas contaram com a ajuda, inicialmente voluntária depois contratada pela Prefeitura de Araxá, da dedicada auxiliar santarritense Ilda Mariano Bananal.

A rua da Banheira, frequentemente intransitável, era a via de acesso das professoras à escola. Elas moravam “na cidade”, conforme expressão da época. Quando chovia e o córrego Santa Rita enchia, elas ficavam impossibilitadas de retornar às suas casas. O funcionamento da escola era o mesmo de outras similares da época; turmas multisseriadas e unidocentes, inicialmente apenas uma turma, depois duas. Figura ímpar para a história da escola foi a primeira professora, senhora **Irene Marques Rocha**, cujo trabalho foi reconhecido pela própria comunidade santarritense em 2004 através da escolha de seu nome para o Ginásio Poliesportivo da escola (Lei Municipal n.º 4.537 de 14/12/2004).



Irene Marques Rocha. 1950.
Acervo: Sandra Verçosa.

Escola Rotary

Oficialmente a Escola do Bairro Santa Rita nunca teve esse nome. Contudo, foi o Rotary Club de Araxá quem trabalhou para que a escola tivesse prédio próprio empenhando-se para sua construção. A lei municipal n.º 793 de 21/06/1963 refere-se desavisadamente à escola do bairro Santa Rita como Escola Rotary. Havia

na década de 1960 uma expectativa de que assim que a estadualização ocorresse se chamaria Escola Estadual Rotary. Desejo justo e reconhecível. Contudo, quando a estadualização finalmente foi homologada (07/08/1965), fazia um ano que Araxá perdera uma de suas grandes educadoras, prof.^a Luíza de Oliveira Faria (10/10/1889-03/08/1964). Homenageá-la na escola do Alto Santa Rita foi um passo. A contribuição rotariana para o setor norte de Araxá foi reconhecida oficialmente em 26/06/1990 com a criação da Escola Estadual Rotary no bairro Urciano Lemos.

Escola Estadual Luíza de Oliveira Faria

Nesse segundo período a escola passa a denominar-se Escola Estadual Professora Luíza de Oliveira Faria e funciona, até hoje, no mesmo endereço; Av. Ananias Teixeira, n.º 10. A escola estadualizada teve sua instalação em 07/08/1965, com o nome de Escola Combinada Prof.^a Luíza de Oliveira Faria. Em 15/06/1967 converteu-se em Escolas Reunidas e em 31/07/1969 em Grupo Escolar Luíza de Oliveira Faria com o mesmo nome. O nome atual data de 1974. O prédio só foi concluído em 1971 graças ao auxílio do senhor Aurélio Morais, na época, presidente da CARPE.

Durante trinta e seis anos a escola manteve apenas o ensino de 1ª a 4ª série (1948-1984). Em 10/02/1984 recebeu autorização para o funcionamento de 5ª a 8ª séries. Em 28/03/1985 autorizaram o 2º grau, antigo científico, hoje Ensino Médio e o curso profissionalizante de Magistério (professor de 1ª a 4ª série), ambos foram desativados em 1998. Além desses teve ainda o curso Técnico em Contabilidade (1986-1998) e Técnico em Processamento de Dados (1995-1998). No ano de 1998, ocorreu a municipalização de 1ª a 4ª séries. Encerrou-se o Ensino Médio e a escola permaneceu apenas com as turmas de 5ª a 8ª séries. Em 2000, a direção da escola conseguiu o retorno das turmas de 1ª a 4ª séries que reiniciaram em 2001. Foram diretoras: Wilma Rocha Santos (1965-1971), Marlene Borges Pereira (1972-1987), Ângela Maria Ribeiro (1988-1989), Maria José de Melo Silva (1989-1998), Maria José Velasco Radespiel (1998-2000) e Leila Mansur Silva (desde 2000). A primeira diretora eleita foi Maria José de Melo Silva.

Foi por um triz

Com a inauguração do bairro Urciano Lemos em 1982 a Escola Estadual Prof.^a Luíza de Oliveira Faria, no bairro Santa Rita, não conseguia atender ao número elevado de estudantes, demandando a criação de uma escola maior. Inaugurada a nova escola no bairro Urciano



Acrílico sobre tela. Pintura comemorativa dos 60 anos da Escola. Agosto/2008. Artista: Marcia Elena Pereira.

Lemos (rua Astolfo Lemos, n.º 200) em 1986, os alunos de 1ª a 4ª séries e os de 5ª a 8ª foram para lá transferidos. No Santa Rita permaneceu funcionando apenas o 2º grau à noite. Essa mudança foi realizada sem uma prévia consulta aos pais dos alunos e desconsiderando a distância que as crianças deveriam percorrer até o bairro Urciano Lemos.

Insatisfeitos, os pais dos alunos do bairro Santa Rita se organizaram e fizeram reuniões com as autoridades reivindicando a reabertura da escola do Santa Rita que estava abandonada. Este movimento foi auxiliado pela Rádio Cidade, pela ex-diretora Maria José de Melo e pela mãe Elza Maria Rodrigues. Atendendo às reivindicações da comunidade, a escola foi reaberta em 26/06/1990 para as séries que haviam sido fechadas e as crianças do Santa Rita puderam voltar a estudar próximo de casa. Este fato deu origem a Escola Estadual Rotary, no Urciano Lemos, com prédio e administração própria.

60 anos de luta, perseverança e História.

Esse ano a Escola Estadual Prof.^a Luíza de Oliveira Faria completou sessenta anos. Sua trajetória evidencia um percurso marcado pela superação de obstáculos sem se descuidar dos interesses da comunidade santarritense. Uma história de perseverança, lutas e desafios e que demonstra o descaso brasileiro com a Educação Pública e os rumos da urbanização araxaense. Uma história cunhada no ideal de “Educar, com liberdade e responsabilidade, para o exercício da cidadania”.

Prof. Ms. Luciano Marcos Curi
Prof.^a Helena Amaral de Souza
Prof.^a Mara Aparecida Leite

Editor da coluna: *Prof. Ms. Luciano Marcos Curi. É elaborada por alunos e professores dos cursos de graduação e pós-graduação em História, do Centro Universitário do Planalto de Araxá (Uniaraxá).

Esta coluna não reflete a opinião da revista e é de exclusiva responsabilidade de quem a assina.



AGRADECIMENTOS

“Foi com muita satisfação que pude contar com o apoio da Fundação Cultural Calmon Barreto no primeiro **Araxá Canta e Dança**, que foi um sucesso para nós do Centro de Referência da Cultura Negra. E ainda quero externar meus agradecimentos por ter me proporcionado essa grande honraria em um momento tão importante e de rara felicidade em minha vida.”

Luciana Maria Fernandes, Supervisora no Centro de Referência da Cultura Negra, Araxá/MG.

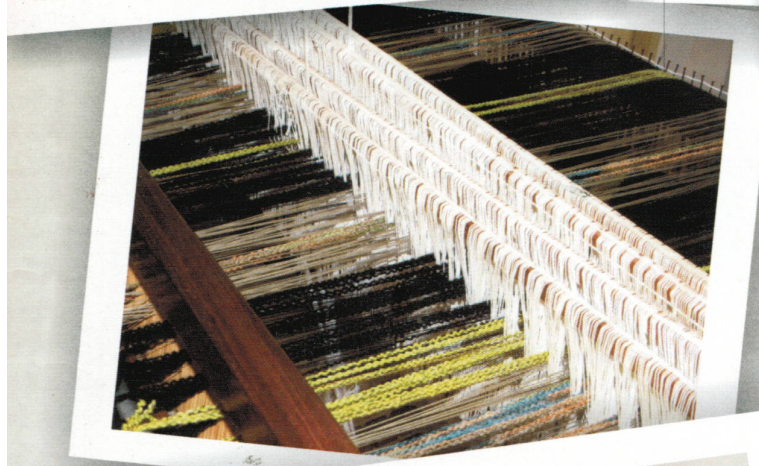
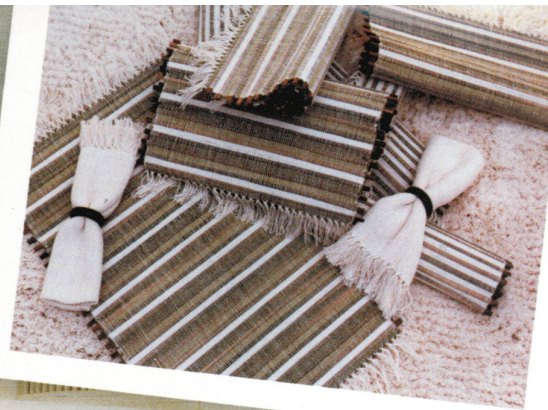
“Agradeço a homenagem e a foto do evento. Que Jesus abençoe todos os corações que trabalham na Fundação Cultural Calmon Barreto. Reitero protestos de estima, respeito e consideração.”

Eliane C. Martins, Presidente da Associação dos Moradores do Bairro Santa Terezinha.

“A Andaia, Associação Indígena de Desenvolvimento e Intercâmbio Cultural da Região de Araxá agradece ao prefeito Antônio Leonardo Lemos Oliveira e à Fundação Cultural Calmon Barreto as manifestações de apreço e reconhecimento que recebemos por ocasião do lançamento da revista *O Trem da História* nº 45, no dia 05/maio de 2008 nas dependências do Cine-Teatro Brasil em Araxá/MG. Com este evento demonstrou a sensibilidade, carinho e respeito da administração pública e da população aos primeiros habitantes desta Sagrada Terra dos quais temos a honra de ser descendentes.”

**Edson Adolfo da Silva,
Presidente da Associação.**

Tradição na arte dos teares



Chefe do Setor de Artesanato
Fernanda Alves Barcelos

Tecelãs

Celina Aparecida Ferreira
Marcelina Alves Fernandes
Maria do Carmo de Castro
Irene Teodoro dos Reis
Regina Maria Pereira de Moraes
Roseli Aparecida Barcelos
Solange Ap. Borges Bernardo
Sueli do Carmo Ferreira Silva
Terezinha das Graças F. Duarte

Memorial de Araxá



Esta casa, que abriga o **MEMORIAL DE ARAXÁ**, tem uma história singular. Construída na primeira metade do séc. XIX por Antônio José da Silva Botelho e sua esposa Theodora Jacinta de Castro, nela nasceram todos os filhos deles e o mais velho, Joaquim Antônio da Silva (1844-1909), casado com Maria das Dores Ferreira de Ávila (1852-1924), herdou-a após a morte dos pais.

Em 1910, a propriedade passou para Elias Porfírio de Azevedo (1882-1965), marido da filha única de Joaquim Antônio, Maria Dolores de Azevedo (1884-1952). Os filhos desse casal, Padre Alaor, Mário, Aracele, Cecília, Lamartine, Joaquim Evandinack, Genaro, Apulchro, Gusmão, Jarbas e Renato (faleceu antes de completar 2 anos) nasceram aqui.

Após a morte de Maria Dolores, a propriedade coube, por herança, a Joaquim Evandinack e alguns irmãos. Com o falecimento de Joaquim Evandinack e dos irmãos co-proprietários da casa, as partes dos herdeiros foram adquiridas por Vitor Hugo Porfírio Borges, filho de Cecília, neto de Maria Dolores, bisneto de Joaquim Antônio e trineto de Antônio José da Silva Botelho.

Em 2002, a casa foi totalmente restaurada pelo atual proprietário, Vitor Hugo Porfírio Borges, engenheiro civil e construtor, que planejou e dirigiu todos os serviços.

Ronaldo Alencar Porfírio Borges

